

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGÜSTICA

A CONCORDÂNCIA DE NOME E SINTAGMAS NOMINAIS NA  
ÁREA ESCOLAR DE FORTALEZA

Maria Auxiliadora Ferreira Lima

Orientadora: Solange de Azambuja Lira

Dissertação apresentada ao Departamento  
de Linguística do Centro de Comunicação e  
Expressão da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 1984

*A memória*

*de minha mãe*

A minha orientadora Solange  
pela dedicação e estímulo;

Aos informantes da pesquisa  
pela valiosa cooperação;

À direção dos Colégios onde a pesquisa foi realizada  
pela calorosa acolhida;

Aos familiares e às pessoas amigas  
pelo apoio manifestado;

À CAPES pela bolsa de estudos concedida;

agradeço carinhosamente

## RESUMO

Fizemos um estudo sobre a concordância de número no sintagma nominal com base na fala de 16 informantes que cursavam a sétima série na área escolar de Fortaleza, mas pertencentes a níveis sócio-econômicos distintos. Objetivamos com a pesquisa verificar o grau de variabilidade no emprego da concordância de número em alunos que estão expostos às regras noráativas de pluralização.

Estabelecemos uma análise do uso da marca de plural em função de fatores lingüísticos e extralingüísticos. De cada fator tiramos a porcentagem da presença de pluralização para verificarmos o efeito de todos eles sobre a retenção ou queda da marca de plural.

Analisamos a influência de 4 grupos de fatores lingüísticos que foram: contexto fonológico seguinte, posição no SN, informação de plural precedente, categoria morfológica; e de 3 grupos de fatores extralingüísticos: estilo, sexo e nível sócio-econômico. Em relação às variáveis lingüísticas, os grupos de fatores posição no SN e categoria morfológica apresentaram uma influência mais relevante para a presença ou ausência da marca de plural. A posição zero e a falta de saliência fônica inibiram de uma forma mais significativa a presença da marca de plural. Os demais fatores exerceram uma influência mais moderada.

A comparação da produção lingüística dos dois grupos renda alta-renda baixa mostrou que o grupo de renda alta usou maior número de pluralização, embora existam em cada grupo diferenças individuais significantes que podem ser explicadas através de referências contextuais relativas a cada informante.

---

Our research is about noun agreement in the noun phrase. The data is based in the spoken language of 16 subjects belonging to two different socio-economic levels, all in the seventh grade of Junior High school in the city of Fortaleza.

Our aim in this research is to find out the degree of variation in the use of the noun agreement rules by students who have been exposed to normative rules of pluralization.

We have found out in our analysis that the variation in the use of the plural marking is conditioned by linguistic and extra-linguistic factors. For each factor we measured the frequency of the presence of plural marking in order to find out the effect of all of them to the presence or absence of plural marking.

We analyzed the influence of the phonological context, position of the noun in the Noun Phrase, prior plural information, morphological category and three extralinguistic factors: style, sex and socio-economic level.

As for the linguistic variables, the position of the noun in the noun phrase and the morphological category showed a more relevant influence to the presence or absence of plural marking. The zero position and the lack of phonic salience inhibited in a significant way the presence of plural marking. The other factors showed a more moderate influence.

When comparing the two different socio-economic groups, we found out that the group with the highest socio-economic level uses the plural marking more often although there are individual differences in each group which can be explained contextually.

## SUMÁRIO

1. <u>INTRODUÇÃO</u> .. .. .	1
1.1 - <u>O Problema</u> - .....	1
1.2 - <u>Estudos prévios</u> .....	5
1.3 - <u>Caracterização da área escolar</u> .....	7
1.4 - <u>Características S5cio-Econ3micas dos Informan- tes</u> .....	8
1.5 - <u>Dados Individuais dos Informantes</u> .....	11
1.5.1 - Informantes de Renda Baixa .....	11
1.5.2 - Informantes de Renda Alta .....	14
1.6 - <u>Procedimentos Metodológicos</u> .. .. .	16
1.6.1 - Fundamentos Teóricos .....	16
1.6.2 - A Entrevista.....	19
1.6.3 - Processo de Coleta, Manipulação e Quantifica- ção dos Dados .....	21
2. <u>ANÁLISE LINGÜÍSTICA E EXTRALINGÜÍSTICA DO^ ELEMEN- TOS CONDICIONANTES</u> .....	24
2.1 - <u>Introdução</u> .....	24
2.2 - Fatores Lingüísticos Condicionantes .....	25
2.2.1 - Contexto Fonológico Seguinte .....	25
2.2.2 - Posição do SN .....	33
2.2.3 - Informação de Plural Precedente .....	44
2.2.4 - Categoria Morfológica .....	54
2.3 - Fatores Extralingüísticos Condicionantes .....	73
2.3.1 - Estilo.....	73
2.3.2 - Sexo .....	81
2.3.3 - Classe Social .....	83

3. <u>CONCLUSÃO</u> .....	87
3.1 - <u>Visão Comparativa</u> .....	87
3.2 - <u>Resultado Avaliativo dos Grupos de Fatores Lin- güísticos e Extralingüísticos sobre a Retenção da marca de Plural -s</u> .....	93
3.3- <u>Conclusões Gerais</u> .....	96
<u>ANEXOS</u> .....	99
<u>NOTAS</u> .....	103
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> .....	108

---

TABELA 1: Influência do contexto fonológico seguinte so	—
bre a retenção da marca de plural -s .....	26
TABELA 2: Influência do contexto fonológico seguinte so	
bre a retenção da marca de plural r-s nos gru-	
pos KB e RA . .....	27
TABELA 3: Influência do ponto de articulação sobre a re	—
tenção da marca de plural -s . . . . .	28
TABELA 4: Influência do ponto de articulação sobre a re	—
tenção da marca de plural -s .....	29
f	
TABELA 5: Influência da sonoridade sobre a retenção da	
marca de plural -s .....	30
TABELA 6: Influência das consoantes sonoras /'b,g,v/ ver	
sus suas respectivas homorgânicas sobre a re-	
tenção da marca de plural -s...../.....	30
TABELA 7: Influência do contexto fonológico seguinte	
sobre a retenção da marca de plural por infor	
mante .....	32
TABELA 8: índice de ocorrências dos 4 tipos de sintag-	
mas nominais de dois elementos .....	34
TABELA 9: Índice de aplicação e não aplicação da regra	
de concordância nos sintagmas nominais de 2	
elementos .....	35
TABELA 10: índice de ocorrência da marca de plural -s	
nos sintagmas nominais de 3 elementos .....	36



TABELA 11: Influência da posição do elemento no SN sobre a presença da marca de plural .....	39
TABELA 12; Influência da posição do elemento no SN sobre a presença da marca de plural nos grupos RB e RA.....	41
TABELA 13: Influência da posição do elemento no SN sobre a presença da marca de plural por informante .....	43
TABELA 14: Influência da informação de plural precedente sobre a marca de plural -s nos grupos RB e RA .....	45
TABELA 15: índice de pluralização nos sintagmas nominais cujo elemento é antecedido por numeral ou por determinante flexionado mais numeral .....	46
TABELA 16: Influência da informação de plural precedente sobre a presença da marca de plural por informante .....	52
TABELA 17: índice de pluralização de acordo com os processos morfológicos.....	57
TABELA 18: Índice de pluralização dos nomes terminados por /r ,s/.....	58
TABELA 19.: índice de ocorrência das formas de pluralização dos nomes terminados em -ão .....	59
TABELA 20: Resultado da aplicação do questionário referente à pluralização dos nomes terminados em -ão .....	60

TABELA 21: Marca de pluralização e desnasalização nos nokes terminados em /iy/ .....	63
TABELA 22: Marca de pluralização nos nomes que sofre- ram a perda do /n/ .....	65
TABELA 23: Resultado da leitura do texto contendo subs- tantivos que sofrem o processo metafônico..	68
TABELA 24; Resultado da leitura do texto contendo adje- tivos que sofrem o processo metafônico ....	69
TABELA 25; Resultado amalgamado da presença da marca de plural de acordo com os processos morfo- lógicos .....	70
TABELA#26: índice de pluralização de acordo com os pro- cessos morfológicos por informante .....	71
TABELA 27: influência do estilo sobre a presença da marca de plural nos grupos RB e RA.....	77
TABELA 28; Influência do estilo sobre os sintagmas no- minais com pluralização completa .....	78
TABELA 29; Influência do estilo sobre a presença da marca de plural por informante .....	80
TABELA 30; Posição da variável sexo sobre a presença da marca de plural .....	81
<sup>1</sup> TABELA 31; Resultado individual da retenção da marca de plural nos meninos e nas meninas .....	82
TABELA 32: Resultado da variável sexo sobre a retenção da marca de plural no grupo RB .....	82

TABELA 33: Resultado da variável sexo sobre a retenção da marca de plural no grupo RA.....	83
TABELA 34: Influência da variável classe social sobre a retenção da marca de plural ...	84
TABELA 35: Resultado individual da retenção da marca de plural nos grupos RB e RA.....	84

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 - O Problema

Nesta dissertação, apresentamos um estudo sobre o uso da concordância de número nos sintagmas nominais, fundamentado em dados lingüísticos do português falado por alunos da sétima série do 19 grau da área escolar de Fortaleza. Estes alunos distribuem-se entre meninos e meninas de dois níveis sócio-econômicos distintos e com uma faixa etária variando entre 13 a 16 anos.

Sabemos que a variação percorre todos os níveis da língua; fonológico, morfológico, sintático e semântico. A concordância nominal que se situa num nível morfo-sintático, é firmemente marcada pela variação na área da flexão de número. Tomamos um pequeno trecho do nosso corpus para exemplificá-la:

E. E quadrilha você brinca?

I. Todos os anos eu brinco. Se eu num brinco quadrilha assim de bairro., eu brinco da escola. Mas todo^ ano assim da escola eu brinco. \_As quadrilha daqui são é mistura de todo^ of aluno de toda^ af classe\_né? ... (Ma., 15, RB)

Escolhemos trabalhar com este tema com o propósito de verificarmos como se manifesta a extensão da variação na concordância de número nos sintagmas nominais emitidos por alunos que estão expostos às regras de concordância ditadas pela gramática normativa. Para tanto, fazemos, \aina análise descritiva-quantitativa do uso da concordância, tomando como base fatores lingüísticos e extralingüísticos que repercutem favorável ou desfavoravelmente na sua aplicação.

A redundância do sistema flexionai do português está presente tanto na flexão de gênero como na flexão de número. Este aspecto redundante permite uma variação no emprego das respectivas regras de concordância. No entanto, a variação se faz presente apenas na flexão de número; a flexão de gênero continua tendo uma regra categórica na produção oral dos falantes nativos do português. Não é comum se ouvir, por exemplo, um enunciado do tipo: "a menina bonito" ou "a menino bonito"; a desinência de gênero -a, quando existe, é categoricamente repetida em todos os elementos do SN.

Sabemos que o mesmo procedimento não ocorre com a flexão de número cuja regra tende a ser variável na concordância nominal e na concordância verbal. Trata-se evidentemente de duas categorias flexionais distintas. A categoria de gênero é conceptual e categoricamente complexa em português, contrastando com a categoria de número que possui uma noção é uma formação de plural bastante simples sem as restrições que circundam a flexão de gênero. (Mattoso:1979a:77)

Mas excluindo as demais diferenças e levando em consideração apenas o efeito da não realização da concordância, podemos observar que, quando a concordância de número não é aplicada provoca somente uma queda do -s; enquanto que se a concordância de gênero não se completa no SN, provoca um forte contraste de sons que não existe com a omissão da marca de plural.

Assim, a não aplicação da regra de concordância de gênero gera a emissão de sons distintos entre determinante e determinado, (exemplificando, "a menino") por não ter havido a troca da vogal temática pela desinência. Situação distinta encontramos no sistema flexionai de número que possui condições linguística<sup>^</sup> favoráveis à eliminação da redundância na concordância entre determinante(s) e determinado. A marca de plural é representada por uma consoante que possui, assim como a consoante -r em final de palavra uma forte tendência a ser eliminada. Tal tendência é decorrente da instabilidade da consoante final existente em diversas línguas de origem indo-européia (Malberg em Poplack; 1979:1):

"The development of Spanish, in common with Latin and other branches of Indo-European in diverse periods and geographical areas, shows complex patterns of instability of syllable-final and word-final consonants... "1

A perda da consoante era final de palavra representando ou integrando qualquer elemento mórfico, contrasta com a norma do português padrão. Restringindo o fato lingüístico à área da flexão de número, já se torna redundante . ressaltar que a variabilidade no emprego da flexão de número é uma constante na produção oral dos falantes, embora a norma padrão exija a presença da marca de plural em todos os elementos do SN, ou seja, nos elementos determinantes variáveis e no elemento determinado;

"Of outros todos meus irmão^" (Ro, 13, RA)

^ Estudos anteriores e observações assistemáticas do uso da fala têm mostrado a flutuação na aplicação da regra de concordância, apresentando o falante uma inclinação para usar o princípio da economia lingüística. Ele pode recorrer a este princípio de uma forma total ou parcial, pois existem duas alternativas para o não uso da concordância que exemplificaremos com dados do corpus da pesquisa:

- a) indicar a pluralização flexionando apenas um elemento do SN ou pela presença de um elemento quantitativo:

"Meu pai conversava com uns amigo." (Do; 13; RA)

"Fui s5 duas aula." (Do; 13; RA)

- b) flexionando mais de um elemento quando o SN possui três ou mais constituintes flexionáveis:

"Ela faz comparação da gente com as mias prima."

(Ia; 14; RA)

Os estudos já realizados evidenciaram que fatores lingüísticos condicionam a presença ou a ausência da plural-

lização. Poplack (1979) foi mais adiante, observando que além das coerções presentes na estrutura de superfície do SN sobre a retenção ou eliminação da marca de plural, devem ser levados em consideração tipos de informações funcionais dentro do SN e na própria situação contextual do discurso que podem servir como indicadores de que a noção de plural existe no SN, mesmo sem a presença formal da marca de plural, de<sup>^</sup> fazendo assim uma possível ambigüidade.

No nosso estudo vamos examinar a presença da marca de plural no SN em face de três possibilidades:

- a) realização da concordância; "Eu tirei notas boas"  
(Ra; 14; RB)
- b) eliminação total da concordância: "Tem as lagosta  
viva" (Ca; 13; RA)
- c) eliminação parcial da redundância: "Os seus irmão  
^ vão sair" (Ka; 13; RA)^

Examinaremos também a possibilidade da existência no corpus de "indicadores" semânticos e contextuais de pluralização que podem dispensar a presença mórfica do -s.

O nosso estudo restringe-se ao exame da aplicação da concordância de número no SN através de condicionamentos lingüísticos na estrutura de superfície e da correlação da apl<sup>^</sup>cação ou não aplicação da regra com condicionamentos extra-lingüísticos.

Dentre as limitações do nosso trabalho, apontamos a inexistência da análise da concordância entre sujeito e predicativo. Assim procedemos em virtude do pouco número de ora<sup>ç</sup>ões contendo predicativo do sujeito no corpus, não havendo, portanto, condições para uma análise quantitativa significativa.

Pretendíamos ampliar o nosso estudo fazendo uma comparação da aplicação da concordância na produtividade oral e escrita dos falantes. Para tanto, pedimos aos alunos que re<sup>^</sup>pondessem, por escrito, um exercício sobre pluralização e fi

zessem uma redação sobre um tema previamente sugerido. Mas, por limitações de tempo, não nos foi possível aplicar a parte escrita com os alunos de nível sócio-econômico alto. Oportunamente faremos algumas alusões sobre tal aspecto.

Embora existam limitações na abordagem do tema, esperamos com este estudo contribuir com mais uma análise descritiva do português, assim como ampliarmos o quadro comparativo da variação na concordância de número na fala de pessoas pertencentes a regiões geográficas distintas.

## 1.2 - Estudos Prévios

A variação no português falado no Brasil começou a ser estudada dentro dos parâmetros de uma pesquisa sociolinguística com um grupo da PUC do Rio de Janeiro, a partir de 1977. Lemle e Naro foram os iniciadores, analisando a variação na concordância verbal com dados da fala de mobralsenses da área do Rio de Janeiro. Outros trabalhos deram continuidade ao estudo da variação, abrangendo áreas diversas do sistema linguístico do português. - 4

Os estudos mais relevantes para a nossa pesquisa foram os referentes à variação na concordância de número nos sintagmas nominais emitidos através da produção oral ou escrita.

Braga (1977) analisou a aplicação da regra de concordância de número nos sintagmas nominais emitidos na região do Triângulo Mineiro. Observou a produção oral de sete informantes que se encontravam em uma faixa etária variando entre quinze a vinte anos. Agrupou os informantes por classe social e por nível de escolarização. Os quatro informantes pertencentes à classe baixa cursavam o 1º grau e os três informantes pertencentes à classe média distribuíam-se entre o último ano do 2º grau e o 1º ano universitário.

Analisou cinco fatores linguísticos possíveis de condicionar a presença da marca de plural. Foram eles: presença



ou ausência da flexão no elemento anterior ao que está sendo examinado no SN; natureza fonológica do contexto ..seguinte; distância dos elementos no SN; categoria morfológica. Considerou como variáveis extralingüísticas, o grau de formalismo das entrevistas e a classe social dos informantes.

Scherre (1978) trabalhou na área do Rio de Janeiro com dez informantes pertencentes a uma faixa etária entre 16 a 23 anos, sendo 5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. Agrupou os informantes em 2 grupos: semi-escolarizado e escolarizado. O primeiro grupo foi ocupado por 4 informantes que cursavam o Mobral e o segundo por 4 informantes com o nível de instrução variando entre 2º grau e universitário.

Analizou a influência de três fatores lingüísticos sobre a presença da marca de plural: categoria morfológica, posição dos elementos no SN, natureza flexional do segmento precedente. As variáveis extralingüísticas examinadas foram: grau de formalismo das entrevistas (conhecimento e não conhecimento da gravação), sexo, nível de escolarização e posição individual de cada informante.

Guy (1981) usando os dados de uma pesquisa feita com alunos do Mobral (Lemle e Naro, 1977), observou o uso da pluralização sob o condicionamento dos fatores lingüísticos: efeitos do contexto fonológico referentes à tonicidade da sílaba e ao tipo de ambiente fonológico seguinte, posição do elemento do SN, informação de plural precedente e categoria morfológica. Levou também em consideração a possibilidade da presença de algum tipo de informação de plural contextual. Como fatores extralingüísticos, analisou a influência do estilo, sexo, idade e situação individual de cada informante.

Freitas (1978) examinou, em Salvador, a aplicação da regra de concordância de número através da expressão escrita, focalizando o problema da ortografia gramatical. Teve como objetivo verificar como alunos da quinta série do 1º grau comportavam-se ortograficamente diante das palavras que pediam a marca de plural, quer fossem nominais ou verbais.

Para tanto, observou se a aplicação da regra de concordância na/expressão escrita assume o comportamento de uma regra variável. Na concordância nominal, trabalhou com três variáveis: a variável estrutural referente à distribuição das marcas de plural e à extensão do sintagma nominal; a variável morfológica referente à distinção fônico-gráfica na oposição singular-plural dos nomes e a variável sócio-econômica. Em relação aos sintagmas oracionais, analisou a posição do sujeito em relação ao verbo, a distinção fônico-gráfica na oposição singular-plural e o nível sócio-econômico da população.

Após a análise dos nossos dados, examinaremos os resultados destes trabalhos através de uma visão comparativa para verificarmos se existem diferenças significativas na aplicação da regra de concordância de número no português falado em regiões distintas.

### 1.3 - Caracterização da Área Escolar

Este estudo tem como base a fala de 16 informantes da área escolar de Fortaleza. A amostra foi colhida através de 2 entrevistas com cada informante. As entrevistas foram feitas no período de agosto a outubro de 1982, com alunos da sétima série do 1º grau.

Os informantes são nativos de Fortaleza. Encontram-se entre a faixa etária de 13 a 16 anos. Fizemos a classificação dos informantes de acordo com o sexo e o nível sócio-econômico. Utilizamos o recinto de dois colégios para fazer as entrevistas. O colégio A pertence à rede municipal e atende a alunos de nível sócio-econômico baixo.. O colégio B é de propriedade particular, atendendo, em sua maioria, alunos pertencentes a um nível sócio-econômico alto.

A escola A situa-se em um bairro onde uma boa parte de seus habitantes vive em condições precárias, convivendo com a fome e o desemprego. A comunidade possui mais três es-

colas do 19 grau, um hospital que atende doentes mentais e outros casos;/ e alguns centros comunitários. A clientela escolar é constituída de alunos com uma faixa etária entre 6 a 18 anos, residindo a maioria na própria comunidade. São filhos de pais que possuem uma renda familiar irrisória, acarretando assim problemas sociais como fome, desnutrição e doenças diversas.

A localização geográfica da escola B encontra-se em um bairro onde a maior parte de seus habitantes goza de uma posição econômica mais privilegiada. A comunidade dispõe de diversas escolas particulares, centros comerciais, bancos, hospitais, áreas de lazer, etc.

De cada colégio, trabalhamos com 8 informantes: 4 meninos e 4 meninas. Agrupamos os informantes em 2 grupos sócio-econômicos. Colocamos 8 informantes no grupo sócio-econômico baixo e 8 informantes no grupo sócio-econômico alto. Cada grupo foi constituído de 4 meninos e 4 meninas. Chamamos o grupo A de Renda Baixa e o grupo B de Renda Alta.

#### 1.4 - Características Sócio-Econômicas dos Informantes

A classificação dos informantes pertencentes a dois níveis sócio-econômicos opostos foi feita com base em 3 indicadores sociais: educação, renda e profissão. Em uma visão sociológica, estes 3 fatores refletem o status ocupacional do indivíduo que de acordo com Pastore (1979; 33);

"...quase todos reconhecem no status ocupacional a indicação mais sintética e mais estável para revelar a condição social do indivíduo e de sua família".

Os três indicadores deu-nos condições de enquadrarmos nossos informantes em uma população de Renda Baixa e em uma população de Renda Alta. Consideramos renda baixa, uma renda familiar de até 2 salários mínimos. Na época, 1982, o

salário mínimo vigente era Cr\$ 20.600,00. A título de observação, ressaltamos um comentário de Haguette (1981: 27) sobre o salário mínimo como indicador de renda baixa na área de Fortaleza:

"Uma palavra deve ser dita aqui sobre o salário mínimo como indicador de baixa renda familiar. Os termos de Referência que deram origem a esta pesquisa levantavam a seguinte indagação: "Como as populações de baixa renda (renda familiar de até dois salários mínimos) conseguem atender as suas necessidades básicas?" O trabalho de campo aqui relatado mostra que a maioria das famílias pesquisadas tem uma renda familiar superior a 2 s.m., vivendo, no entanto, em estado de penúria e pobreza quase absoluta. É preciso entender, uma vez por todas, que o salário mínimo em vigor em Fortaleza (Cr\$ 1.111,00 em abril de 1979) é totalmente insuficiente como indicador de pobreza; ele está aquém do limite da pobreza e da sobrevivência familiar".

Dentre os nossos informantes, existem casos que se assemelham ao de Haguette. Famílias de seis elementos que vivem em uma "casa" de apenas duas dependências (sala e banheiro) em condições ínfimas de sobrevivência.

Na população de renda baixa a que tivemos acesso, apenas um membro do casal trabalha. Em alguns casos, há a ajuda de um filho menor. A profissão dos pais dos 8 informantes está assim distribuída: doméstica (5 casos), lavadeira (2 casos), costureira (1 caso), carpinteiro (1 caso), motorista aposentado (1 caso), pequeno comerciante (1 caso), policial (1 caso). As três mulheres que trabalham, assumem sozinhas a sobrevivência da família. Uma é viúva, mantendo a casa com lavagem de roupa e com a pensão do marido (Cr\$ 6.000,00 na época); a outra também mantém a casa com lavagem de roupa (o marido está desempregado) e a última, é costureira e está separada do marido.

Os pais destes informantes não possuem o 1º grau menor completo, são semi-alfabetizados. É o obviamente espera-

do diante das precárias e espinhosas condições de sobrevivência que impedem a camada da população de renda baixa atingir um nível de escolarização. São profissionais que recebem o salário mínimo regional.

Focalizando os três indicadores acima na população de renda alta, encontramos duas situações socialmente opostas. Ressaltamos que consideramos renda alta não era um sentido absoluto, ou seja, que os informantes pertençam às famílias de renda mais alta de Fortaleza, mas em um sentido relativo em contraposição à população de renda baixa. São informantes pertencentes à classe média alta. Em face da ocupação dos pais destes informantes, calculamos a renda familiar acima de 15 salários mínimos, considerando também o fato de que os dois membros do casal trabalham.

Dentre os 8 informantes, ocorreu somente um caso de apenas o homem trabalhar. As profissões são as seguintes; empresário (3 casos), arquiteto (1 caso), professor(a) universitário (a) (3 casos), orientadora educacional (1 caso), representante comercial (2 casos), funcionário federal administrativo (2 casos), gerente de empresa (1 caso), lojista (2 casos).

O nível de educação, dos pais destes informantes encontra-se entre o nível universitário e o 2º grau. Existe apenas um caso de nível primário, tendo havido uma ascensão social através do êxito nos negócios.

Diante das características sócio-econômicas dos informantes, podemos dizer que o universo cultural dos informantes de baixa renda é bem mais limitado do que o dos informantes de renda alta. Alguns possuem um enriquecimento maior através da leitura e de contato com outros grupos. O divertimento destes informantes concentra-se em "tertúlias", "discotecas", "forrós", praia, casa de amigos, participação em grupos de jovens, jogo de futebol.

Os informantes de renda alta possuem um universo cultural bem amplo. Com exceção de um, todos conhecem outros ef

tados e alguns, outros países. As oportunidades de divertimento destes jovens são bem variadas como por exemplo, final de semana em sítio, casa de praia, camping, cinema, clubes, festas, teatro, etc. Podemos dividir estes informantes em 2 grupos: os que tem seus interesses voltados para ...diversão, como esporte e festa; e os que, além do divertimento, possuem o hábito de leitura e interessam-se pelos fatos atuais, sabendo discorrer e emitir opiniões sobre vários assuntos.

## 1.5 - Dados Individuais dos Informantes

### 1.5.1 - Informantes de Renda Baixa

#### 1. Tiago

Tem 16 anos. Nasceu em Fortaleza. Estuda desde a quarta série no colégio. Não demonstra interesse pelos estudos, inclusive é repetente. Gosta de praia, de ouvir um som (de preferência o rock) e de filmes de luta. Seu esporte preferido é o vôlei. Fez uma única viagem para uma cidade bem próxima de Fortaleza. Possui religião, frequentando a igreja dos crentes. Em sua casa, são 12 irmãos, 9 homens e 3 mulheres. Nenhum possui o 2º grau completo, o pai é aposentado da polícia e a mãe é doméstica. Tem 7 irmãos que também pertencem à polícia. O informante fala bastante, mas não possui opiniões sobre assuntos que não dizem respeito ao seu mundo.

#### 2. Antônio

Tem 16 anos. Nasceu em Fortaleza. Faz cinco anos que estuda no colégio. É repetente. Trabalha pela manhã em uma serraria, fazendo escada. Ganha quatrocentos cruzeiros por cada uma (na época, 1982). Gosta de jogar bola e de praia. Não demonstra interesse pelos estudos. Em razão da vida difí

cil que leva, não sabe se terá condições de concluir o 29 grau. Fez apenas uma viagem rápida a uma cidade do interior do Ceará. Em sua casa, são sete irmãos, três mulheres e quatro homens. É o segundo. A mãe é lavadeira e o pai está de^ sempregado.

### 3. Gérson

Tem 15 anos. Nasceu em Fortaleza. Estuda no colégio desde a terceira série. Gosta de estudar. Pretende ser médico. Assiste televisão, interessando-se mais pelo noticiário e por filmes de terror. Tem o hábito de leitura, dando uma maior preferência aos livros de aventura. Gosta de futebol. Fez apenas uma viagem rápida ao interior. Tem um irmão. É o mais novo. Os pais são separados, mora com a mãe que é costu reira. f  
I .

### 4. Paulo

Tem 15 anos. Nasceu em Fortaleza. Estuda desde a quarta série no colégio. Demonstra muito interesse pelos estudos. Pensa em seguir a carreira militar. Tem seis irmãos, todos casados. É o mais novo. Mora com os pais e vima irmã casada. O pai é carpinteiro e a mãe é doméstica. Pela manhã, ajuda o irmão em serviço de construção. Não costuma frequentar nenhum lugar de diversão. Não pratica esporte. Faz viagens curtas para uma cidade do interior, próxima de Fortaleza. Conversa fluentemente e demonstra ter conhecimento dos fatos da atualidade.

### 5. Marta

Tem 15 anos. É de Fortaleza. Estuda desde a quinta série no colégio. Gosta de estudar e de participar de todas

as atividades do colégio. Pratica esporte. Já foi bandeirante. Gosta de festa (forr5) e de conversar. Nas horas vagas, vende cosméticos da marca Avon. Em termos de profissão, pensa era ser advogada. Conversa com facilidade e ininterruptamente. são cinco irmãos, três mulheres e dois homens. É a segunda. A mãe é viúva e trabalha em casa de família, lavando roupa. Recebe uma pensão que na época (1982) correspondia a seis mil cruzeiros.

#### 6. Fátima

Tem 15 anos. É de Fortaleza. Foi criada por uma senhora desde os dois anos de idade. Mora somente com a mãe adotiva que tem 73 anos. Estuda no colégio desde a quinta série. Gosta de estudar e tem o hábito de ler bastante. É líder da turma. Participa de grupo de jovens. Faz música e poesia. Pensa em ser psicóloga. Conversa fluentemente e com coerência.

#### 7. Liduína

Tem 14 anos. Nasceu em Fortaleza. Estuda no colégio desde a quinta série. Gosta de estudar. Pensa em ser médica. Como divertimento, prefere esporte e praia. Em termos de leitura, lê revista em quadrinhos. Faz viagens curtas para o interior de seus pais no Ceará. Mantém uma conversa moderada, mas coerente. Tem apenas uma irmã adotiva de cinco anos. O pai é motorista aposentado e a mãe é doméstica.

#### 8. Vânia

Tem 14 anos. Nasceu em Fortaleza. Estuda no colégio desde a terceira série. Demonstra ser estudiosa. Pretende ser engenheira. Gosta de esporte. Mora com a avó e uma tia. Nos fins de semana e nas férias, vai para a casa dos pais



que moram em outro bairro. São quatro irmãos, três mulheres e um homem. É a mais velha. O pai possui uma pequena mercearia. A mãe não exerce nenhuma atividade fora do lar.

#### 1.5.2 - Informantes de Renda Alta

##### 1. Dário

Tem 13 anos. É de Fortaleza. Estuda desde o jardim de infância no colégio. Demonstra gostar de estudar. Pensa em ser engenheiro mecânico. Nada, como atleta, em um clube. Gosta de assistir televisão, preferindo programas humorísticos, novelas e filmes. Já fez uma viagem ao Rio e, durante as férias, costuma ir à fazenda do avô no interior. Parece estar informado sobre os fatos nacionais e internacionais, sabendo manter uma conversa coerente sobre política e qualquer outro tipo de assunto atual. Possui apenas um irmão de sete anos. A mãe é orientadora educacional e o pai é gerente de empresa. ■

##### 2. Hugo

Tem 14 anos. Nasceu em Fortaleza. Estuda no ■ colégio desde a alfabetização. Não gosta muito de estudar, dando uma maior preferência às diversões. Gosta de esportes, principalmente surf e corrida. Está indo sempre a festas. Nunca saiu do estado, conhecendo apenas algumas cidades do interior, são quatro irmãos, dois homens e duas mulheres. É o segundo. O pai é dono de uma construtora. A mãe não exerce nenhuma atividade fora do lar.

##### 3. Elano

Tem 14 anos. Estuda no colégio desde o jardim. Gosta de estudar. Interessa-se muito por história e por política.

Gosta de ler romance policial. Como divertimento, prefere praia e esporte. Conhece outros estados. Os pais são comerciantes antes. Possui seis irmãos, três são formados. É o mais novo. Conversa fluentemente.

#### 4. Roberto

Tem 13 anos. Nasceu em Fortaleza. Estuda no colégio desde o jardim. Demonstra interesse pelos estudos. Tem o hábito de leitura, preferindo livros policiais e de aventuras. Desfruta de várias opções de divertimento. Em fins de semana, costuma ir pra fazenda ou para o sítio. Já fez várias viagens. Conhece Mato Grosso, Brasília, Rio e o nordeste, as capitais. Tem cinco irmãos. É o penúltimo. O pai é sócio de uma empresa e a mãe dirige um escritório. Conversa fluentemente e com coerência.

#### 5. Inês

Tem 14 anos. É de Fortaleza. Estuda no colégio desde a quinta série. Diz gostar mais ou menos de estudar. Gosta de ouvir música e de esporte. Morou um ano no Rio Grande do Norte, quando tinha 10 anos. São quatro irmãos, três mulheres e um homem. É a segunda. A mãe vende jóias e o pai é funcionário federal.

#### 6. Celina

Tem 13 anos. É de Fortaleza, mas os pais não são cearenses. O pai é do Piauí e a mãe de Santa Catarina. Estuda no colégio desde a quinta série. Morou 2 anos nos Estados Unidos. Foi com 8 anos, acompanhando os pais que foram fazer mestrado. O pai em arquitetura e a mãe em Educação. Os pais são professores universitários. É filha única. Gosta de ler, já tendo lido vários romances. Conhece o sul do país. Pensa em cursar a escola de arte dramática.

## 7. Jane

Tem 13 anos. Nasceu em São Paulo, mas mora em Fortaleza desde os sete anos. Gosta de estudar. Pensa em ser geneticista. Estuda no colégio desde a quinta série. Possui o hábito de leitura, tendo uma preferência maior por romance. Interessa-se por política e pelos fatos da atualidade. Quando criança, esteve na Grécia. Possui dois irmãos, um menino e uma menina, fí a mais velha. O pai é grego e a mãe é paulista. O pai exerce a profissão de empresário e a mãe de professora universitária.

## 8. Karla

Tem 13 anos. E de Fortaleza. Estuda no colégio desde a alfabetização. Já foi bandeirante. Interessa-se muito por esporte, sobretudo vôlei. Conhece outros estados. Costuma passar os fins de semana no sítio. Em termos de profissão futura, pensa em ser médica ou professora primária. São quatro irmãos, duas mulheres e dois homens. Os homens são casados. A irmã mora no Rio. O pai é comerciante e a mãe é funcionária pública.

### 1.6 - Procedimentos Metodológicos

#### 1.6.1 - Fundamentos Teóricos

O estudo da variação linguística recebe uma nova abordagem com Labov (1966) que introduziu a teoria da variação em suas análises sobre o inglês falado em Nova York. Posteriormente, não só Labov, como outros, deram continuidade à pesquisa sociolinguística utilizando-se da teoria da variação.

De acordo com essa teoria, a variação desempenha o papel de uma regra variável que sofre o condicionamento de

determinados elementos que favorecem ou inibem sua aplicação. O comportamento alternativo da regra variável que ora se aplica ora não se aplica, não só caracteriza a variação, como diferencia uma regra variável de uma categórica que não possui nenhuma flexibilidade na sua aplicação, marcando presença constante no contexto lingüístico em que deve ocorrer.

Esse enfoque dado à variação diferencia-se do estruturalismo e da gramática transformacional. Embora as duas teorias possuam posições divergentes para uma descrição lingüística, a forma como encaram a variação é essencialmente a mesma (Labov; 1972, 448). Para o estruturalismo, a variação é livre. Não formaliza nenhum tipo de condicionamento para o uso de uma ou outra forma em ambientes idênticos, mas pertencendo a um mesmo elemento lingüístico. Labov (1972, 443) assim ressalta o tratamento que o estruturalismo dá à variação:

"The classical dichotomy of invariant conditioning vs. free variation dominates the formal descriptions of the structuralist tradition. Since forms that are in free variation are effectively the same in a linguistic sense, nothing further can be said about their occurrence..." 8

A gramática transformacional focaliza a variação através da dicotomia regra obrigatória vs. regra opcional. A aplicação da regra obrigatória é imprescindível quando as condições para aplicá-la são preenchidas; enquanto que a regra opcional pode ou não ser usada mediante às condições favoráveis ao seu emprego. (Hudson, 182). Não existe, no entanto, vima preocupação em formalizar uma explicação para o fato de uma regra opcional incidir mais ou menos vezes em um ou outro ambiente. As regras opcionais não contém nenhuma indicação sobre quando e como elas são aplicadas. Situação inversa ocorre com a regra variável, vista em termos de probabilidade de aplicação que se relaciona com as circunstâncias existentes condicionando sua maior ou menor frequência. Tais circunstâncias condicionantes justificam um estudo quantitativo da aplicação da regra.

A variável lingüística manifesta-se na fala através de suas variantes que representam unidades pertencentes aos demais níveis hierárquicos da língua. Uma variável pode corresponder ao uso de duas ou mais variantes (exemplificamos, em português, com a variação fonológica do /s/ em final de sílaba, situado em posição medial, que pode ser alternado com /s̺/ e /x/: mesmo ~ mesmo ~ mexmo) ou corresponder à presença ou à ausência da variante (por exemplo, o uso do /s/ em final de palavra que alterna com o elemento zero: vamos ~ vamo; ônibus ~ ônibu).

Para um estudo quantitativo da variação, Labov (1966) sugere que se selecione uma variável sob a observação de quatro critérios:

- . ter vima alta frequência;
- . estar im\ine de uma possível supressão consciente;
- . ser um componente integrante de uma estrutura maior;
- . ser facilmente quantificável em uma escala linear.

Conforme já salientamos, a análise lingüística da variável requer a identificação dos elementos que podem condicionar a aplicação ou não aplicação da regra. Esses elementos são condicionantes que podem ser apenas de natureza lingüística ou de natureza lingüística e extralingüística. Tais elementos recebem em uma análise da variação, a denominação de fatores e grupos de fatores.

Um fator lingüístico<sup>9</sup> representa um determinado aspecto lingüístico que exerce um condicionamento sobre a variável no ambiente em que ela ocorre. Exemplificando, em diversas análises sobre o apagamento de determinadas consoantes finais, a pausa é um fator lingüístico que pode desfavorecer a supressão da consoante.

Cada fator possui uma característica comum a outros fatores, a qual serve como estigma para se constituir grupos de fatores. Podemos chamar grupo de fator um conjunto de fatores que, sob um determinado prisma, exerce um condicionamen-

to sobre a variável de acordo com o ambiente em que ela ocorre. Exemplificando, a vogal, a consoante e a pausa são fatores que constituem um grupo de fator para se analisar a influência do contexto fonológico seguinte sobre a retenção ou o apagamento de sílaba determinada consoante final. O aspecto comum aos três fatores citados é a característica fonológica que os engloba em um único grupo.

No nosso trabalho vamos analisar a variação na aplicação da regra de concordância, utilizando dois elementos indispensáveis à aplicação da teoria da variação; o condicionamento e a quantificação. Focalizaremos o condicionamento através da correlação da variável com fatores linguísticos e extralinguísticos.

Faremos a quantificação em termos da presença e da ausência da marca de plural, calculando os resultados por indivíduo em função de cada grupo de fator. Em seguida, tiraremos a porcentagem dos casos nos quais a pluralização ocorre em relação aqueles em que ela poderia ocorrer.

#### 1.6.2 - A Entrevista

Fizemos com cada informante 2 entrevistas, perfazendo um total de 90 minutos de gravação. A primeira entrevista teve 60 minutos de gravação e a segunda, 30 minutos. Conforme mencionamos no item anterior, usamos o colégio como local das realizações das entrevistas.

O contato com os informantes foi feito com a ajuda de professores que indicavam os alunos mais desinibidos. No primeiro contato, pedimos a colaboração dos informantes, sem revelarmos o verdadeiro objetivo das entrevistas, no que fomos prontamente atendidas.

Todos os informantes apresentaram uma boa comunicação. No entanto, observamos que os alunos do colégio A demonstraram possuir uma maior capacidade de comunicação oral. Atribuímos esta maior desenvoltura ao fato das aulas do colé

gio A serem realizadas através do sistema de tevé que requer uma comunicação integrativa dos alunos. Toda atividade de sa la de aula é discutida em grupo pelos alunos que ficam expos tos a uma maior comunicação oral. Inclusive, estes alunos a-presentaram, na sua totalidade, um número de dados superior aos alunos do colégio B cujas aulas são dadas através do sis tema tradicional.

<sup>i</sup> Percebemos no colégio B, \am clima de familiaridade entre alunos, professores, direção e demais funcionários. É um colégio que apresenta uma peculiaridade que os distingue dos demais, pois recebe um número limitado de alunos excepcionais e os integra na sala de aula junto aos outros alunos sem discriminações.

<sup>i</sup> Procuramos dar às entrevistas um clima de naturalidade, tentando superar, na medida do possível, a situação de artificialidade criada pela própria situação de entrevista que possui dois fortes inibidores para a emissão de uma fala espontânea. São eles: a criação artificial de um clima de conversa e a presença do gravador.

! . Para tanto, sugerimos indiretamente alguns temas que pudessem ser do interesse dos informantes. A temática das en trevistas concentrou-se em torno de: esporte, | diversão, via-gem, cinema, programas de televisão, leitura, ! política, ju- ventude, relação dos jovens com os pais, namoro, casamento, droga, etc. Estes temas foram inseridos e explorados durante as entrevistas de acordo com as oportunidades e as caracte-rísticas que pudemos detectar de cada informante. Por exem- plo, nenhum informante de renda baixa possuía experiência de viagem, havendo uma falta de motivação para o tema que ser- viu de conversa durante, aproximadamente, 20 minutos para a maioria dos informantes de renda alta. O esporte foi um tema que foi de interesse de ambos os grupos. Alg\ans informantes gostavam de conversar sobre política, outros demonstravam to tal desinteresse pelo tema.

No final da segunda entrevista, para observarmos a performance dos informantes diante de 2 fatores ^ lingüísti-

10  
ticos, introduzimos a leitura de um texto e a aplicação de um questionário que serão abordados oportunamente.

### 1.6.3 - Processo de Coleta, Manipulação e Quantificação dos Dados

Conforme salientamos anteriormente, colhemos os dados para a nossa pesquisa gravando a fala dos informantes durante duas entrevistas. Transcrevemos integralmente as trinta e duas gravações, em seguida retiramos do corpus de cada informante, todos os sintagmas nominais que receberam uma pluralização total ou parcial. Obtivemos, no total, um número de 5.810 dados. i

Após o levantamento dos sintagmas nominais passamos a quantificação dos dados que foi feita em função de cada grupo de fator lingüístico e extralingüístico. Para cada grupo de fator lingüístico e para o grupo de fator estilo, tomamos p levantamento dos sintagmas nominais por informante e indicamos através dos sinais mais (+) e menos (-) a presença ou ausência da marca de plural em cada elemento flexionável do SN. Em relação aos fatores sexo e nível socio-econômico, procedemos somando o total de pluralização de cada elemento dos respectivos grupos: meninos-meninas; renda baixa - renda alta.

Naturalmente, no decorrer do levantamento, eliminamos os dados que se encontravam em ambientes que provocavam uma neutralização por razões fonológicas, devido à dificuldade de distinguirmos no encontro de dois fones com realizações semelhantes, a presença do primeiro fone. Assim, eliminamos o -s antes de outra fricativa alveolar /s/ (ex.: meninos são danados) e antes das chiantes /<sup>v</sup>s/ e /<sup>v</sup>z/ (exs.: meninos ^atos; as janelas).

Apresentamos o resultado quantitativo da análise de cada grupo de fator em tabelas, indicando a porcentagem de pluralização. Aplicamos em seguida o teste qui-quadrado para



verificarmos se a diferença quantitativa da variação entre os fatores de, cada grupo era significativa e também para ter BIOS condições mais precisas de avaliarmos qual o condicionamento mais relevante dentro dos grupos de fatores.

Sucintamente e com base em Anshen (1978, 23-24) colocaremos como procedemos com a aplicação do teste. Para tanto, usaremos os dados de uma tabela de Braga (1977: 67) referente à variável classe social.

TABELA 13 - Variável: classe social

Classe média	2340	1125	3465
Classe baixa	1910	1686	3596
Total	4250	2811	7061

Como primeiro procedimento, multiplicamos o total da primeira colima (referente à presença do -s nos informantes de classe média e classe baixa) por cada total referente à presença e à ausência do -s e dividindo cada resultado pelo total geral. Realizamos o mesmo processo com o total da segunda coluna. Obtivemos com as suas operações a frequência esperada:

1. a.  $\frac{4250 \times 3465}{7061}$  2085.57
- b.  $\frac{4250 \times 3596}{7061}$  2164.2
2. a.  $\frac{2811 \times 3465}{7061}$  1379.42
- b.  $\frac{2811 \times 3596}{7061}$  1431.57

Após essas operações, calculamos o qui-quadrado subtraindo de cada célula da tabela o resultado obtido pelo resultado esperado, elevando ao quadrado o resultado da subtração, dividindo pelo resultado esperado e somando, no final, todos os resultados:

$$\frac{(2340-2085.57)^2}{2085.57} = 31.03$$

$$\frac{(1910-2164.42)^2}{2164.42} = 29.90$$

$$\frac{(1125-1379.42)^2}{1379.42} = 46.92$$

$$\frac{(1686-1431.57)^2}{1431.57} = \frac{45.21}{153.06}$$

Para sabermos se o resultado do qui-quadrado foi significativo, é necessário que determinemos os graus de liberdade da tabela. Calculamos os graus de liberdade, multiplicando o número de linhas menos 1 pelo número de colunas menos 1. Excluem-se da multiplicação a linha e a coluna que contém os totais. Calculando os graus de liberdade da tabela com a qual trabalhamos temos:  $(2-1) \times (2-1) = 1$ .

Em seguida, tomando como base o grau de liberdade calculado, examinamos em uma tabela que contém os valores do qui-quadrado se no nível de significância correspondente ao grau de liberdade obtido, o valor de qui-quadrado é significativo. São considerados significantes somente os valores menores que .05. Assim no exemplo citado, sendo o  $x = 153.06$  e o grau de liberdade 1, os dados são significantes ao nível .001.

## 2. ANÁLISE LINGÜÍSTICA E EXTRALINGÜÍSTICA DOS ELEMENTOS CONDICIONANTES

### 2.1 - Introdução

Estudos anteriores mostraram que a função gramatical da palavra em observação, a natureza do contexto fonológico seguinte, a tonicidade da sílaba seguinte, a posição que a palavra ocupa no SN, o tipo de informação prévia de plural, a natureza da categoria morfológica em análise, a natureza da flexão verbal, são fatores lingüísticos que podem possuir uma maior ou menor influência sobre a retenção da marca de plural nos elementos do sintagma nominal.

Quase todos esses fatores já foram analisados em outros trabalhos (Braga, 1977; Scherre, 1978, Guy, 1981) cujos resultados mostram a influência de cada um deles em relação à presença ou à ausência de pluralização. Para o nosso estudo, escolhemos quatro grupos de fatores lingüísticos que, em uma análise preliminar da amostra, apresentaram condições favoráveis à formulação de uma possível justificativa para o uso de uma maior ou menor aplicação da regra de concordância de número nos sintagmas nominais. Os grupos de fatores são: contexto fonológico seguinte, posição da palavra no SN, informação de plural precedente, categoria morfológica.

Dentre as diversas variáveis extralingüísticas que podem ser correlacionadas com a variação lingüística, vamos trabalhar com estilo, sexo e nível sócio-econômico que são mais relevantes para o contexto da nossa pesquisa.

De acordo com as características de cada grupo de fator, e com a literatura existente colocaremos sucintamente as seguintes hipóteses que serão desenvolvidas posteriormente: Hipotetizamos que uma maior presença da marca de pluralização dependerá:

- . da natureza do contexto fonológico imediatamente posterior ao ambiente em que deve ocorrer a presença do -s;
- . do tipo de informação de plural antecedente e da posição que a palavra flexionável ocupa no SN;
- . da natureza do processo morfológico de formação de plural;
- . do tipo do estilo de fala que caracterizará o discurso do falante;
- . da diferenciação sexual dos informantes;
- . do nível sócio-econômico dos informantes.

## 2.2 " Fatores Linguísticos Condicionantes

### 2.2.1 - Contexto Fonológico Seguinte

Estudos sobre apagamento ou retenção da consoante em diversas línguas<sup>^^</sup> têm mostrado que a natureza do segmento fonológico seguinte exerce uma influência sobre a eliminação ou a retenção do fonema<sup>^^</sup> consonantal em análise. Para este estudo, analisamos três fatores que podem favorecer ou desfavorecer a presença da marca de plural -s. São eles: consoante, vogal e pausa. Em português. Braga (1977) e Guy (1981) analisaram o efeito de cada um na realização da concordância de número no SN e obtiveram resultados significativos.

Na análise de Braga, as consoantes (labiais e velares) e a pausa foram as que mais favoreceram a retenção do -s, ficando as consoantes nasais e dentais em uma segunda escala de influência. Guy realizou duas análises. Na primeira análise, observou o efeito desses fatores sobre a supressão do -s como elemento da desinência verbal -mos e como elemento da raiz da palavra. Na segunda análise observou o efeito dos mesmos fatores fonológicos sobre a retenção do -s como

marca de plural nos nomes. Em relação à supressão do -s, as consoantes, em geral, foram mais favoráveis ao apagamento do que as vogais, tendo a pausa um efeito neutro. Na concordância de número, as vogais e a pausa favoreceram mais a presença do -s.

Nos nossos dados, observamos o índice de retenção da marca de plural -s diante de uma consoante inicial, de uma vogal inicial e de uma pausa. <sup>12</sup>

Exs.: consoante: "Têio que tirar uns brilhos pra mim".

(Ma, 15, RB)

"Nem todas as menina da mia classe gostavam de mim." (Ca, 13, RA)

vogal: "Muitas pessoas assaltam assim por necessidade mermo". (Do, 13, RA)

"Muitas coisa acontecero e o povo nem reparando". (Eo, 14, RA)

pausa: "Era sô a turma dos meus irmãos". (Ia, 14, RA)

"E também vem aí a festa dos professor".  
(La, 14, RB)

Examinando o resultado geral de cada contexto fonológico, a tabela 1 mostra que as consoantes exerceram uma maior influência sobre a retenção da marca de plural -s do que as vogais. A pausa foi o fator que mais desfavoreceu a presença do -s. Em Poplack (Porto Rico, 1979) encontramos este efeito inibitório da pausa sobre a presença da marca de plural.

TABELA 1: Influência do Contexto Fonológico seguinte sobre a retenção da marca de plural -s.

	+	Total	%
c	2582	3753	69
v	881	1549	57
p	189	426	43
Total	3652	5728	

( $\chi^2 = 142.97$  p < .001)

Como vemos pelo teste qui-quadrado o resultado é significativo. A /tabela 2 apresenta o resultado por grupo social. Fizemos esta separação em razão de ter havido uma diferença quantitativa bastante representativa entre os grupos em relação à pausa. Nos dois grupos, as consoantes exerceram uma maior influência sobre a retenção do -s. No grupo RA., o índice de influência foi de 72%, decrescendo para 66% no grupo RB. As vogais ficaram em uma segunda escala de influência com 62% para o grupo RA e 53% para o grupo RB.

A pausa desfavoreceu a presença da marca de plural nos dois grupos, tendo sido mais inibitória no grupo RB, num índice de 32%. No grupo RA, o decréscimo no índice de porcentagem dos fatores fonológicos foi mais ou menos proporcional: C. 72%; V. 62% e P. 58%; já no grupo RB ocorreu xima diferença quantitativa bem significativa: C.66%; V.53%, P.32%. A pausa distanciou-se dos demais fatores no grupo RB, enquanto que no grupo RA, ela se aproximou da vogal com uma diferença de apenas 4%.

TABELA 2: Influência do Contexto Fonológico seguinte sobre a retenção da marca de plural -s nos grupos RB e RA.

	RB			RA		
	+	Total	%	+	Total	%
c	1516	2280	66	1066	1473	72
v	478	898	53	403	651	62
p	74	230	32	115	196	58
total	2068	3408		1584	2320	

RB ( $\chi^2 = 131.47p < .001$ )

RA ( $\chi^2 = 31.91p < .001$ )

Após uma visão do resultado geral, analisamos a influência da consoante seguinte sob dois ângulos: o ponto de articulação e a sonoridade. Em relação ao ponto de articula-

ção, usamos a mesma distribuição de Guy (1981), subcategorizando as consoantes em labiais, labiodentais, alveolares e velares. Naturalmente, eliminamos os vocábulos que começam com as sibilantes /s,z/ e as chiantes /<sup>v</sup>s,<sup>v</sup>z/ por causa da neutralização decorrente do encontro do -s, marca de plural, com um desses fonemas, na posição inicial de vocábulo.

Ressaltamos que neste grupo de fator trabalhamos somente com a presença do -s como marca de plural. Consideramos uma palavra que recebeu a informação de plural através apenas da vogal temática (ex.: mulhere) ou da abertura da vogal tônica (imposto) como não portadora de plural -s.

A tabela 3 mostra que as consoantes labiais e labiodentais foram as que mais favoreceram a presença do -s, ficando as velares em um segundo nível de influência. As alveolares mostraram desfavorecer a presença do -s. Dentre todas as consoantes, a alveolar /d/ foi a que mais desfavoreceu a presença do -s.

TABELA 3; Influência do ponto de articulação sobre a retenção do marca de plural -s

		+	Total	%
Labiais	p	459	572	80
	b	70	84	83
	m	358	439	81
Labiodentais	f	156	200	78
	v	364	409	89
Alveolares	t	159	281	56
	d	187	498	37
	n	134	311	43
	l	56	99	56
Velares	k	560	760	73
	g	28	32	87
	x	51	68	75
Total		2582	3753	•i

Na tabela 4, amalgamos os resultados da tabela 3 por ponto de articulação. Pelo teste qui-quadrado, a diferença de nível de influência entre as labiais e as labiodentais sobre a retenção do -s não foi significativa. A exemplo de Guy, unimo-las em uma única subcategorização. Em um plano hierárquico, encontram-se as labiais com 82% de influência, as velares com 74% e as alveolares com 45%. O efeito inibitório das alveolares confirma o resultado de Guy em relação à influência das alveolares sobre o apagamento do -s.

Guy (1981, 145) procura justificar o efeito do ponto de articulação sobre a eliminação do -s baseado na possibilidade de um padrão de dissimilação. Existindo assim uma tendência em se eliminar a sibilante de uma sílaba final para que não haja a produção de duas consoantes sucessivas, como, por exemplo, /st/ ou /zd/.

Nos nossos dados a posição de influência das labiais sobre a retenção do -s difere dos resultados de Braga e Guy, onde as velares tiveram um índice de influência maior. Supomos inicialmente que esta diferença poderia ser atribuída ao excesso de ocorrência da expressão "às vezes", mas, no entanto, se eliminarmos as labiodentais, as labiais continuam em um primeiro plano em relação às velares, Ficamos assim com a possibilidade de uma diferença de dialeto.

TABELA 4: Influência do ponto de articulação sobre a retenção da marca de plural -s.

	+	Total	%
Labiais	1407	1704	82
Alveolares	536	1189	45
Velares	639	860	74
Total	2582	3753	

Em relação ao subfator sonoridade, a tabela 5 mostra



que as consoantes surdas favoreceram mais a retenção do -s do que as consoantes sonoras. Este efeito confere com os resultados de Guy. Pelo teste qui-quadrado o resultado é significativo.

TABELA 5: Influência da sonoridade sobre a retenção da marca de plural -s

	+	Total	%
Surdas	1334	1813	73
Sonoras	1248	1940	64
Total	2582	3753	

$$(\chi^2 = 37.33 \text{ p} < .001)$$

Observando o resultado individualmente, percebemos que as consoantes sonoras /b,g,v/ foram mais favoráveis à presença do -s do que suas respectivas homorgânicas /p,k,v/:

TABELA 6: Influência das consoantes sonoras /h,g,f/ versus suas respectivas homorgânicas sobre a retenção da marca de plural -s

	+	Total	%
P	459	572	81
b	70	84	83
k	560	760	73
g	28	32	87
f	156	200	78
v	364	409	89
Total	1637	2057	

Na análise sobre o apagamento do -s, Guy (1981,142) observou que as consoantes sonoras favoreceram mais o apagamento do que as surdas, havendo uma exceção para a, consoante

/g/ que foi menos favorável ao apagamento do que /k/, tendo em vista o fato de que todas as outras consoantes sonoras favoreceram mais o apagamento do que as surdas correspondentes. Na nossa análise o comportamento do /g/ confirma a observação de Guy, inclusive com a mesma insuficiência de dados (Guy, 75; Nosso, 32). A consoantes /v/ encontra-se na mesma situação de /g/, no entanto, devemos levar em consideração a incidência de ocorrência da expressão "às vezes". Tal fato leva-nos a admitir a possibilidade de que a maior influência destas consoantes sonoras esteja ligada à posição da palavra que contém o -s dentro do SN. Retomaremos novamente este aspecto, quando já tivermos analisado todos os grupos de fatores .

Mediante o resultado do nosso corpus, podemos dizer que em uma escala decrescente, as consoantes encontram-se em \am primeiro plano de influência. No entanto esta influência limita-se apenas às consoantes labiais /p,b,m,f,v/ e às consoantes velares /k,g,x/. Em um segundo plano encontram-se as vogais. Em um terceiro plano, exercendo uma influência inibitória estão a pausa e as consoantes alveolares /t,d,n,l/.

A relação da pausa seguinte com a presença do -s foi totalmente contrária aos resultados de Braga e Guy que a apresentaram como um condicionamento favorável! à retenção do -s. Em Braga, a pausa foi favorável à presença do -s tanto na classe baixa como na classe alta. Situação contrária ocorreu nos nossos dados onde a pausa inibiu a presença do -s nos informantes pertencentes ao grupo RB, embora no grupo RA ela tenha ficado em uma posição desfavorável em relação ao fator consoante. A baixa influência de 32% que a pausa atingiu sobre a presença do -s no grupo RB nos leva a supor que, em geral, o não uso do -s pelos falantes deste grupo já está tão automatizado que uma pequena interrupção no ato contínuo da fala não contribui para a retomada do -s. Por outro lado, os falantes do nível sócio-econômico alto possuem uma maior noção de prestígio, de norma da língua que os leva a retomarem mais frequentemente o -s diante da pausa.

Através do resultado individual (tabela 7) podemos ver que no grupo RB, a pausa desfavoreceu a presença do -s em todos os informantes, enquanto que no grupo RA ela atingiu um baixo índice de influência apenas em 3 informantes.^^

TABELA 7; Resultado da influência do contexto fonológico seguinte por informante.

		RB			RA				
		+	Total	%					
					+	Total	%		
Ao.	C	125	209	60	Ro.	C	142	178	80
	V	22	76	30		■ V	66	87	76
	P	4	36	11		P	34	50	68
To.	C	152	230	66	Do.	C	139	212	65
	V	32	85	37		V	37	72	51
	P	19	51	37		p	15	25	60
Po.	c	206	286	72	Eo.	c	120	192	62
	V	89	163	54		V	58	100	58
	p	13	28	46		p	3	14	21
Go.	c	185	315	58	Ho.	c	79	133	60
	V	54	98	55		V	16	51	31
	p	12	29	41		p	3	7	42
Ma.	c	270	395	69	Ca.	c	177	224	80
	V	117	175	66		V	71	102	70
	p	13	30	43		p	21	35	60
Fa.	c	262	406	65	iTa	c	186	208	90
	V	92	153	60		V	72	9a	72
	p	5	13	38		p	18	22	81
ta.^	c	142	236	60	la.	c	129	159	81
	V	40	64	62		V	40	54	74
	p	9	28	32		p	16	23	70
Va.	c	142	205	70	Ka.	c	103	167	61
	V	57	84	67		V	35	86	40
	p	6	13	46		p	4	20	20
Total		2068	3408				1584	2320	



Analisando os dados da pesquisa, encontramos sintagmas nominais constituídos de dois a cinco elementos:

- a. 2 elementos: "uns yvampiro"
  - 0 1
- b. 3 elementos: "of filhos casado"
  - 0 1 2
- c. 4 elementos: "of filme dof trapalhões"
  - 0 1 2 3
- d. 5 elementos: "Os otrof todof meus irmãos"
  - 0 1 2 3 4

Os sintagmas nominais de dois elementos são constituídos de:

- a. determinante variável + determinado: "os módulo"
- b. determinante invariável + determinado: "dezoito anos"
- c. determinado + determinante variável: "alvinos capa citado"
- d. determinante variável + determinante variável: "oz otro",

A tabela 8 mostra o número de ocorrências de cada constituição dos sintagmas nominais de dois elementos:

TABELA 8: Número de ocorrências dos 4 tipos de sintagmas nominais de dois elementos

DNTV + DDO	1722
DNTINV + DDO	430
DDO + DNTV	53
DNTV + DNTV	352
<b>Total</b>	<b>2557</b>

Os sintagmas nominais de dois elementos foram os mais frequentes no corpus. Conforme mostra a tabela 9, tivemos um índice de 43% de aplicação da regra de concordância e um

índice de 57% para a não aplicação. Para os casos de não realização da concordância, a marca de pluralização encontrava-se apenas em um elemento do SN ou havia noção de quantidade expressa por um numeral. Não houve assim nenhum caso de falta de indício de pluralização nos dois termos.

TABELA 9: Índice de aplicação e não aplicação da regra de concordância nos sintagmas nominais de 2 elementos.

+ concordância	1123	43%
- concordância	1434	57%
Total	2557	

Os sintagmas nominais de 3 elementos apresentaram 345 ocorrências e são constituídos de:

	N	%	Exs.
a. art. (pron.) + subs. + adj.	95	28	"Os filhos casado" "Suas datas comemorati <u>v</u> as"
b. art. + pron. + subs.	72	20	"Os mesmo movimento"
c. art. (pron.) + num. + subs.	71	20	"uns três quilômetro" "Essas duas cidades"
d. pron. + art. + subs.	42	12	"Todos os cachorro"
e. art. + subs. + pron.	17	5	"Os colega meu"
f. art. + adj. + subs.	14	4	"Os grande fazendeiro"
g. art. (pron.) + inv. + adj.	12	3	"Os mais difíceis" "Otros mais claros"
h. num. + subs. + adj.	4	1	"Dois amigo ruim"
i. art. + comb. (cont) + pron.	4	1	"unz aoz otro" "Os doz otro"
j. subs. + inv. + adj.	3	0.9	"Pessoas mais velhas"
l. num. + subs. + pron.	3	0.9	"Dois tio meu"
m. adj. + art. + subs.	2	0.6	"Raras as mulheres"
n. art. + num. + adj.	2	0.6	"Os três maiorais"
o. pron. + pron. + subs.	2	0.6	"Algunz otro livro"
p. subs (num.) + inv. + adj.	2	0.6	"Coisa lá impossíveis" "Duas mais velha"

j, Conforme mostra a tabela 10, houve 345 sintagmas de 3 elementos. A posição zero favoreceu a marca de plural e outras posições desfavoreceram.

TABELA 10; índice de ocorrência da marca de plural nos sintagmas nominais de 3 elementos.

Marca de Plural	N	%
0	121	35
0 e 1	84	24
0, 1 e 2	76	22
Outras posições	64	19
Total	345	

Exs.: Posição 0; "Essas coisa toda"

"Esses carro automático"

"As criança abandonada"

"Of recurso financeiro"

"Of pneu réi"

Posições 0 e 1 ; "As matériaf dada"

"Alguaf datas comemorativa"

"A^ otraz equipe"

"As míãs colega"

"Os meuz ombro"

Posições 0,1 e 2: "Os países aliados"

"Ós grandes lagos"

"Os direitos iguais"

"Muitas coisa^ boas"

"Todas as pessoas"

Conforme observamos, dentre os 345 sintagmas de 3 elementos, houve 64 sintagmas cuja marca de pluralização não se enquadra nas 3 posições exemplificadas. São casos em que

as posições do SN não recebem a marca de pluralização em uma seqüência ordenada ou a seqüência sofre uma intercalação de um elemento invariável: niameral ou advérbio. Vejamos:

Posição 1	"0 meuf ovido"
Posições 0 e 2	"Essef brinquedo normaíf"
Posições 0 e 2	"Os_ quinze pontos"_
	"Bombaf mais destrutiva^"
Posições 1 e 2	"Esse fatore_todo"

O nosso corpus apresentou 42 sintagmas nominais de 4 ou 5 elementos, sendo 35 de 4 elementos e 7 de 5 elementos. Os sintagmas de 4 elementos apresentaram as seguintes estruturas :

	N	%
a. art. (pron. cont. n <sub>am</sub> . )+subs. (n\im)+inv.+adj .		
"\ins ferrim bem finim"	16	38
"aqueles filmes bem formais"		
"...pelas coisa mais besta"		
"Dois irmãos mais novos"		
"Os dois mais novos"		
b. cont.+subs.+cont.+subs. (pron.)	13	30
"nas esquina das rua"		
"nas coisa doz oto"		
c. art.+num.+subs.+adj.	3	7.1
"as duas coisa junta"		
d. pron.+art.+pron.+subs.	2	4.7
"todos os seus jogos"		
e. cont.+subs.+adj.+pron.	1	2.3
"Duns brasileiro amigo nosso"		



Para os sintagmas de 5 elementos, obtivemos as seguintes estriOjturas:

	N %
a. art. (pron.)+subs.+prep.+s\ t>s. (pron. ,num.)+adj. (sit)s.)	3 7.3
"Otros donos de fazendas ricas"	
"Os computadores de otras firmas"	
"Mías prima de três anos"	
b. cont.+pron.+siibs.+inv.+adj.	1 2.4
"...das mías irmã mais nova"	
c. art.+subs.+inv.+inv.+adj.	1 2.4
"As estória muito mal contadas"	
d. art.+pron.+pron.+pron.+subs.	1 2.4
"Oz otros todos meus irmãos"	
e. comb.+subs.+cont.+pron.+subs.	1 2.4
"As custa dos meus pais"	

Nos sintagmas nominais com a estrutura "cont.+sxibs. +cont .+subs. (pron.)", a marca de pluralização predominou i) as posições zero e dois (11 casos).<sup>14</sup>

"Af conversa dos menino"

Observamos que para este tipo de estrutura, embora as ocorrências tenham sido poucas (13 casos), parece haver uma conscientização do falante da necessidade de pluralizar o^ dois elementos determinantes do sintagma, ou seja, os dois elementos que se encontram nas posições zero e dois, para que não haja uma modificação de sentido. O falante corta o sintagma, mas não altera o seu sentido. Vejamos, por exemplo, se ele diz "nas coisa ^ otro" pu "az habilidade do jogador", ocorre uma modificação de sentido. Faz-se necessário a presença do -s no determinante ^ para evitar uma ambigüidade provodada pela noção de posse expressa no SN.

Mesmo que não seja possível mudança de sentido, em termos de singularização, em um sintagma do tipo "os pobre dos escravo", se o falante emitisse "os pobre ^ escravo" sem a marca de plural na posição 2, parece-nos que a ausência da marca de plural não predomina por haver na pluralização do primeiro determinante uma espécie de controle da presença da marca de plural no determinante da posição dois.

Dentre os 18 sintagmas nominais com uma palavra invariável intercalada, a ocorrência da marca de pluralização foi;

Posição 0	9	50%	"As coisa bem feita"
Posições 0 e 3	3	16%	"A classes mais privilegiadas"
Posições 0 e 1	1	5%	"...das mxãs irmã mais nova"
Posição 1	1	5%	"Três itens totalmente catpleto"
Todas as posições	4	22%	"Aqueles filmes assim formais"

TABELA 11: Influência da posição do elemento no SN sobre a presença da marca de plural

	+	Total	%
0	2512	2529	99 »
1	1325	2865	46
2	179	416	43
Total	4016	5810	

$$C_x^2 = 1.49p > .201$$

À tabela 11 mostra que é quase categórica a presença da marca de plural no elemento da posição zero que obteve uma porcentagem de 99%. Considerando os resultados semelhantes de Braga, Scherre e Guy, podemos dizer que é um comportamento praticamente genérico no SN do português. A presença

da marca de plural na posição zero possui \am papel funcional em relação as outras posições do SN por ser um indicador pr\_i raário da pluralização do SN.

Era virtude da quase total presença de plural na posição zero, aplicamos o teste qui-quadrado apenas para as posições 1 e 2 cujo resultado evidencia que a diferença quan tativa de pluralização entre essas posições não é significan tej. A diferença de pluralização é significativa apenas entre a posição zero e as demais posições.

1 ■ ■ "Quando o elemento na posição zero nao possui a marca de plural, o elemento flexionável na posição um automatica- mente a recebe. Mas a ocorrência de tal caso é muito rara. Nos nossos dados atingiu um índice | de apenas 1%.

Exs.; "Toda^ regra"

"O meuz ovido"

"Ua olimpiadas"

"...pela mesmas coisa"

"...pelo meus pais"

"...pro meus pais"

"... do meus tios"

Para os dois últimos tipos de exempld, temos um pe- queno comentário a fazer. No caso de "olimpiadas" que foi e- mitida três vezes pela mesma informante, percebemos através do contexto que ela desconhece a forma singular "olimpiada" por não ter pluralizado nenhvima vez o determinante e nem o verbo. E bem provável que tenha associado "olimpiadas" com a construção "o pires".

Exs.: "Teve a olimpiadas que foi a única que foi pa- gãia taça".

"D. Balmira programou ua olimpiadas que é lin- da" .

"...porque a olimpiadas ela é..." (Ma.;15; RB)

Quanto ao caso do elemento zero ser uma contração, é possível hipotetizarmos, observando o contexto, que o falm

te tenha tomado as contrações como elemento invariável, ou seja, como preposição:

"Eu niim dexo de sê mandada pelo meus pais". (La; 14; KB)

"Passo o dia com a minha tia e â noite vô pro meus pais". (Va; 14; RB)

"Tudo era amigo da gente, do meus tios". "La;14; RB)

O índice de pluralização na posição 1 foi de 46%, de crescendo para 43% na segunda posição em diante. Na tabela 12, ambos os grupos apresentaram resultado semelhante ao da tabela 11, ou seja, a diferença foi significativa em relação ao elemento da posição zero e os demais elementos; entre os elementos após a posição zero, o resultado não foi significativo.

TABELA 12: Influência da posição do elemento no SN sobre a presença da marca de plural nos grupos RB e RA.

	RB			RA		
	+	Total	%	+ To	tal	%
0	1523	1536	99	989	989	99
1	686	1687	40	639	1178	54
2	81	230	35	98	186	52
Total	2290	3453		1726	2357	

$$RB: (\chi^2 = 2.48p > .10)$$

$$RA: (\chi^2 = .144p > .90)$$

15

Observando a tabela individual (p.43), podemos verificar que a presença da marca de pluralização predomina em todos os informantes. Na posição 1, o índice de pluralização ficou abaixo de 50% para os informantes do grupo I®, exceto

para a informante Va. Comportamento diferente encontramos no grupo RA onde predominou uma índice acima de 50%, havendo uma exceção para os informantes Eo,,.Ho. e Ka. Na posição 3, apenas um informante do grupo RB atingiu um índice de pluralização superior a 50%, enquanto que no grupo RA, 4 informantes ultrapassaram essa porcentagem.

Em 40 ocorrências, observamos um comportamento regular para a pluralização do elemento na posição um, quando o SN era formado com o pronome todos+artigo+nome:

"Todoz os domingo"

"Todoz os filho"

"Todaz as xan idade"

"Todaz as classe"

"Todoz os documento"

"Todaz as matéria"

"Todaz as colocação"

"Todaz as regra"

"Todaz as menina"

"Todoz os rio" -

"Todoz os ano"

Parece que o falante traz na mente a noção de generalização múltipla de "todos" que o força a pluralizar o elemento seguinte. Como podemos ver, não se trata apenas da influência do ambiente fonológico seguinte (o que já abordamos no grupo de fator anterior), pois existem ambientes idênticos nos dois casos.

TABELA 13: Influência da posição do elemento no SN por informante.

		RB			RA			
		+	Total	%				
					+	Total	%	
Ao.	0	141	141	100	RO.	140	141	99
	1	55	167	33		89	154	58
	2+	3	16	18		20	27	74
Toj.	0	166	166	100	Do.	123	124	99
	1	50	184	27		87	161	54
	2+	2	21	9.5		8	26	31
PO.	0	221	221	100	Ep.	135	136	99
	1	106	230	46		71	161	44
	2+	17	30	56		5	17	29
Go •	0	190	192	98	Ho.	77	77	100
	1	82	225	36		35	99	35
	2	14	34	41		4	15	26
Ma.	0	270	273	99	Ca.	155	155	100
	1	123	298	41		121	178	68
	2+	17	40	42		21	34	62
Fa.	Q	253	257	98	i7a.	145	146	99
	1	118	283	41		120	162	74
	2+	10	36	28		22	29	76
Ia.	0	146	147	99.	Ia.	99	99	100
	1	69	162	42		78	123	63
	2+	9	23	39		14	19	73
Va.	0	136	139	98	Ka.	115	115	100
	1	83	139	60		38	139	27
	2+	9	29	31		4	20	20
Total		2290	3453			1726	2357	

### 2.2.3 - Informação de plural precedente

Este/grupo de fator mostra a influência da presença ou ausência da marca de plural do elemento anterior sobre a pluralização ou não da palavra posterior em foco. A função primordial deste fator consiste na informação de plural contida no elemento antecedente que pode dispensar a marca de pluralização seguinte.

Naturalmente, não é vim procedimento categórico do SN que toda palavra antecedida de plural sofra a perda da pluralização. Após uma observação rápida dos dados, percebemos que a variável em análise assume comportamentos distintos dependendo da constituição do SN. Em um SN de dois elementos, por exemplo, "meuz<sup>0</sup> irmão<sup>1</sup>", o elemento zero frequentemente traz a marca de plural; quando ele não contém a informação de plural, o elemento um obrigatoriamente a recebe. Para um SN de três ou mais elementos, a informação de plural precedente pode ser múltipla ou apenas em vim elemento. A multiplicidade, quando ocorre, pode ser seguida ou intercalada por um elemento sem marca de plural.

De acordo com os nossos dados, dividimos este grupo em cinco fatores;

- 0 - sem informação de plural precedente: "aqueles lance"
- N - elemento antecedente é um numeral: "três dia"
- A - informação de plural s5 no elemento zero; "os crente"
- B. informação de plural só no elemento um: "...pela mesmas coisa"
- . informação de plural nos elementos 0 e 2: "...nas custa doz otro"
- . informação de plural antecedente nos elementos 0, 2 e 3; "...as custa dos meus pais"
- . informação de plural antecedente nos elementos 0 e 1: "duns brasileiros amigo nosso"

S - informação de plural em todos os elementos antecedentes; "todas as família"

O fator B abrange 4 tipos de informação de plural antecedente em virtude de um pequeno número de ocorrências para esses casos. Na tabela 14, apresentamos o resultado por grupo de informantes em razão de ter havido uma divergência qualitativa na ordem dos fatores.

TABELA 14; Influência da informação de plural precedente sobre a presença da marca de plural nos grupos RB e RA

	RB			RA		
	+	Total	%	+	Total	%
O	1534	1547	99	991	994	99
A	622	1600	39	541	1034	52
N	93	199	46	132	231	57
B	7	17	41	4	14	28
S	34	90	37	58	84	69
Total	2290	3453		1726	2357	

RB ( $\chi^2 = 4 - 696p > .10$ )

RA ( $\chi^2 = 13 - 34p < .01$ )

• Para os dois grupos, a ausência de informação prévia favoreceu fortemente a presença da marca de plural no elemento imediatamente posterior à ausência de informação. Podemos dizer que é uma influência quase categórica. O índice de porcentagem de pluralização foi de 99%.

Exs.; "as porta da casa"

"aqueles lances"

"as crianças"

"as tarefas"



Os nomes antecidos por numeral' apresentaram duas situações. Na primeira situação, tivemos como único determinante antecedente o numeral e, na segunda, tivemos determinante flexionado mais numeral:

Exs.: Nu+N; "mil cruzeiro"  
 "vinte dia depois"  
 "dezesseis anos"  
 "cinco anos"

DF+Nu+N; "üas três rua"  
 "uns três disco"  
 "...daqueles vinte dias"  
 "üas três veze"

■ / i

Fizemos essa divisão com o intuito de verificamos se existe alguma diferenciação no uso da pluralização nas duas situações, ou seja, se a marca de plural é favorecida mais pelo numeral ou pelo determinante flexionado mais numeral. O resultado obtido foi;

TABELA 15: índice de pluralização nos sintagmas nominais cujo elemento é antecido por numeral ou por determinante flexionado mais numeral.

	+	Total	%
Nu+N	225	430	52
DF+Nu+N	25	66	37
Total	250	496	

( $\chi^2 = 4.75p < .05$ )

Sem uma referência aos outros tipos de elementos antecedentes, dentro de um resultado geral, o antecedente numeral não apresentou uma posição favorável ou desfavorável à presença da marca de plural no elemento posterior. A porcen-

tagem de pluralização total foi de 52%, demonstrando não ser um influenciador nem um inibidor da marca de plural. Os nomeados precedidos por determinante flexionado mais numeral tiveram uma porcentagem de 37%. Mas como os dados foram poucos, não podemos dizer que a presença da marca de plural prevaleça sobre os nomes precedidos apenas por numeral. Inclusive diante do resultado da primeira situação, é bem possível que o numeral precedido por determinante flexionado não influa para a presença ou não da marca de plural em razão do determinante já estar flexionado. Outro argumento que favorece esta possibilidade é que não ocorreu nenhum caso em que o determinante flexionável deixasse de receber a flexão de número, passando para o numeral por sua natureza quantitativa a função de indicar a pluralização no SN.

Guy (1981; 179-180), diante do resultado dos seus dados, observa que os numerais parecem favorecer mais a aplicação da concordância do que outros tipos de elementos antecedentes. Talvez pelo aspecto de auto-correção proporcionado pelas entrevistas.

"The numbers cannot themselves be affected by the NPA rule, yet they appear to favor its application to succeeding words. I suggest that this may be a result of the self-monitoring and self-correction which is undoubtedly going on in these interviews. The most obvious plural context in a person's speech would surely be in an NP containing a number which specified some plural quantity. So in the interview situation, the popular dialect speaker who was attempting to accommodate his speech to the Standard dialect of the interviewer could plausibly be expected to "correct" more in this most obvious plural environment". (179-180) ^®

Em relação a outros tipos de informação precedente, o antecedente numeral apresenta uma influência maior sobre a presença da marca de plural no elemento que o segue. Mas em relação a sua própria área e tomado como resultado geral, nos parece que temos uma impressão intuitiva ocasionada pela força quantitativa do numeral, que os outros determinantes

flexionáveis não apresentam, em achamos que o numeral controla mais o falante no uso da concordância de número. No entanto, diante do resultado geral dos nossos dados, 46% para o grupo RB e 57% para o grupo RA, mostrando que a presença e a ausência da flexão foram mais ou menos equivalentes, verificamos que o numeral atua mais como um elemento moderado que atende a duas situações, ou seja, à presença e à ausência da marca de plural. 17

A informação de plural antecedente apenas no elemento zero desfavoreceu a presença da marca de plural no elemento posterior, sobretudo no grupo RB que obteve um índice de pluralização de apenas 39%. Resultado mais favorável apresentou o grupo RA que atingiu um índice de 52% de pluralização.

A informação de plural antecedente apenas no elemento ura ocorreu com sintagmas nominais de três elementos. Houve apenas 10 ocorrências:

Exa.; "o meuz <sup>1</sup> ovido"  
"...pela mesmas <sup>1</sup> coisa"  
"... do meus <sup>1</sup> tios"

Houve 13 casos de informação de plural antecedente nos elementos zero e dois;

Exs.; "nas <sup>0 2</sup> coisa doz oto"  
"oz <sup>0 2</sup> hábito doz animais"  
"os <sup>0 2-</sup> filme dos trapalhões"

Ocorreram apenas dois sintagmas de mais de 3 elementos com informação de plural precedente nos elementos zero e um; e 1 sintagma com informação nos elementos zero, dois e três:

Exs.; "düns bràs ileiro amigo nosso"  
"...das <sup>0</sup> míaz <sup>1</sup> irmã mais nova"  
"as custa dos meus pais"

Rexinando os três tipos de informação de plural antecedente que não obedeceram uma seqüência ordenada, encontramos uma porcentagem de pluralização de 41% para o grupo RB e um decréscimo para o grupo RA com 28% de pluralização. Foi o único caso em que a porcentagem de pluralização foi inferior ao grupo RB. Nos dois grupos, este tipo de informação prévia de plural desfavoreceu a presença da marca de plural. Diante de apenas 31 ocorrências podemos dizer que não é comum no português o SN receber este tipo de informação. Não se trata de uma variação corrente, o que nos impede de encontrar uma explicação precisa para este tipo de comportamento.

Trabalhamos com a informação de plural em todos os elementos antecedentes com sintagmas nominais constituídos de mais de dois elementos. Para este tipo de informação, o próprio elemento em análise foi favorecido no grupo RA pela marca de plural, num índice de pluralização de 69%; enquanto que no grupo RB, ele foi desfavorecido num índice de 37% de pluralização. No grupo RA, se todos os elementos antecedentes possuíam a marca de plural, a tendência foi retê-la, apresentando assim um comportamento diferente do que encontramos no grupo RB onde a tendência foi omiti-la.

Exs.: "os meninos todos"

"todos os professore"

"todos oz anos"

"...dás coisas boa"

"todas as família"

Comparando os resultados desta variável com os de ^raga (1977), Scherre (1978), Guy (1981), encontramos como ponto comum e quase categórico a influência da não informação prévia de plural favorecendo a retenção da flexão de número no elemento em análise. Poplack (1980;64) encontrou uma situação inversa niam estudo feito sobre o comportamento da marca de plural no espanhol de Porto Rico. A presença da marca de plural antecedente favorece a retenção da pluralização no dado seguinte, enquanto que a ausência de plural antece-

dente desfavorece a presença de plural. A noção de plural é contextual.

"...the differential effect on deletion is actually due to the presence of a marker in the slot immediately preceding the token: OS, SS, and S continue to disfavor deletion, while O and SO favor it. The most favorable context for marker deletion is precisely when -the two preceding markers have already been deleted." (Poplack, 1980;64) 18

No SN do português não é comum dois elementos iniciais sem a marca de plural. A prioridade do elemento zero para receber a marca de plural controla os poucos casos de pluralização que não obedecem xama seqüência ordenada, como também uma seqüência de elementos iniciais despluralizados.

Existem determinados tipos de palavras portadoras de uma carga semântica quantitativa que dão a noção de plural ao nome seguinte, independente da flexão de número. Há uma pressão para a presença de plural no elemento zero, quando a regência dessas palavras exigem ou aceitam uma contração. É o caso, por exemplo, de "a maioria", "a maior parte", "o índice"

Exs.: "a maioria dos programa"  
"a maioria das pescada"  
"a 'maioria..' dos estudante"  
"a maioria dos problemas"  
"a maioria dos meninos"  
"a maior parte desses problemas"  
"o índice dos desquite"  
"o índice dos divórcio"

O elemento zero manteve a marca de plural em todos os exemplos ocorridos, enquanto que o elemento um apresentou variação. Em palavras como "monte", "círculo", "grupo", "mar", o nome seguinte parece sofrer menos pressão para a presença do -s por causa da preposição.

Exs.: "um monte de menina"  
"\im monte de amigo"

"o grupo de jovem"  
í' 'vim circulo de amigos"  
"mar de rosas".

Mas, para esses casos, o fundamental é que a pluralização está explícita semanticamente no primeiro nome da expressão, o qual exprime a idéia de referir-se a mais de um ser, não havendo alteração de sentido se ocorrer a perda da marca de plural nos nomes posteriores. É o que Poplack (1980; 59) chama de "pluralização lexical". A "pluralização lexical" provoca também uma desambiguação. Poplack cita o exemplo de "im par de mata (s)" (1979; 84) cuja informação de plural não é morfológica, mas semântica.

Existem determinantes que podem perfeitamente dispensar a marca de plural como informação para o elemento posterior pela noção de quantidade que possuem. Mesmo que o elemento posterior não esteja pluralizado, o sentido de pluralização permanece. Vejamos, por exemplo, em:

"muitas modia"  
"muitas coisa"  
"muitas figura"  
"muitas vez"  
"muitos amigo"

Nestes exemplos a perda do -s não implicaria em xama ausência de pluralização porque "muita" assumiria um sentido de "bastante". Observamos no corpus que houve uma preferência pelo uso de "muitas", "muitos", "tantas" em vez da forma singular. A noção de plural através da sua marca formal está tão arraigada na mente do falante que mesmo quando há oportunidade de expressar um sentido quantitativo sem usar a flexão, ele não o faz. É o caso, por exemplo, de "todos" em um enunciado como "todos ano ela vai", caberia perfeitamente a forma "todo ano ela vai", dando a idéia de quantidade. Inclusive chega a usar a marca de plural desnecessariamente num caso de "hiper-redundância": "as negrada", "ar negrada" em

que "a negrada" traz a noção de quantidade, dispensando a pluralização do artigo.

TABELA 16: Influência da informação de plural precedente sobre a presença da marca de plural por informante.

		RB			RA			
		+	Total	%				
					+	Total	%	
Ao.	O	141	141	100	Ro.	140	141	99
	N	9	29	31		11	20	55
	A	48	150	32		84	144	58
	B		1	0		1	1	100
	S	1	3	0.3		13	16	81
To.	O	166	166	100	Do.	124	125	99
	N	10	26	38		23	41	56
	A	42	179	23		65	132	49
	B			-		1	3	33
	S			-		5	10	50
Po.	O	220	220	100	Eo.	136	137	99
	N	8	16	50		13	29	45
	A	105	222	47		59	141	41
	B	-					2	0
	S	11	23	48		3	5	60
Go.	O	192	194	99	Ho.	77	77	100
	N	15	46	32		14	29	50
	A	76	206	37		25	82	30
	B		1	0			1	0
	S	3	4	75		-	2	0
Ma.	O	273	276	99	Ca.	155	155	100
	N	16	27	59		18	24	75
	A	110	279	39		108	163	66
	B	-	2	0		1	3	33
	S	11	27	41		15	22	68

TABELA 16; Cont.

		RB			RA			
		+	Total	%				
					+	Total	%	
Fa.	0	257	261	98	iJa.	145	145	100
	N	22	36	61		22	23	95
	A	100	264	38		106	150	70
	B	1	5	20			2	0
	S	1	10	10		14	17	82
La.,	0	147	148	99	Ia.	99	99	100
	N	7	13	54		22	32	69
	A	64	159	40		62	100	62
	B	4	5	80		1	2	50
	S	2	7	28		7	8	87.5
Va.	0	138	141	98	Ka.	115	115	100
	N	6	6	100		9	33	27
	A	77	141	54.6		32	122	26
	B	2	3	66				-
	S	5	16	31		1	4	25
Total		2290	3453		1726		2357	

A tabela 16 apresenta-nos um resultado bastante diversificado da influência da informação de plural antecedente sobre a retenção da marca de plural, excetuando apenas a informação zero que foi categoricamente significativa para todos os informantes.

O antecedente numeral comportou-se como total inibidor da presença do -s em 3 informantes do grupo RB: Ao., To. e Go., e em 2 do grupo RA: Eo e Ka; agiu como elemento moderado em 4 informantes do grupo RB; Po., Ma., Fa., La., e em 3 do grupo RA: Ro., Do., Ho., foi significativo apenas em 1 informante do grupo RB: Va., e em 3 do grupo RA; Ca., Ja., Ia.



Com exceção da informante Va., a informação de plural antecedente apenas no elemento zero desfavoreceu a presença da marca de plural em todos os componentes do grupo RB; no grupo RA ela exerceu uma maior inibição em 3 informantes: Eo., Ho. e Ka.

A informação de plural antecedente em todos os elementos do SN favoreceu a presença do -s apenas em 1 informante: do grupo RB: Go., no grupo RA foi uma influência quase que predominante.

#### 2.2.4 - Categoria Morfológica

/ ■ ■ ■ ' 1

Os nomes formam o plural de acordo com determinados processos morfológicos os quais foram transformados em regras obrigatórias na gramática normativa. No entanto, estas regras não são aplicadas sistematicamente. Os estudos de Braga, Scherre, Guy mostraram que um maior grau de saliência fonica resultante do processo morfológico ocorrido favorece a realização do plural.

É a forma do nome no singular que determina a caracterização do processo morfológico. Apresentamos os processos morfológicos com base na descrição de Mattoso' Camara, mas fazendo as adaptações necessárias à realidade do nosso corpus. Agrupamos sete categorias:

- a. nomes terminados por vogal (X)
- b. nomes terminados por em /iy/ (>I)
- c. nomes terminados por l /aw, ew, iw, ow, aw/ (L)
- d. nomes terminados por r, s /r,z/ (R)
- e. nomes terminados por -ão (0)
- f. nomes terminados por -nh /n/ (CD)
- g. nomes que possuem a oposição metafônica Ctl

Estas categorias também foram abordadas por Braga, Scherre e Guy (exceto as dos nomes terminados por -nh /ñ/ e m /êy/. Braga e Scherre trabalharam com 5 categorias que fazem o plural com acréscimo de -s; acréscimo de -es a nomes terminados por vibrante; acréscimo de -es a nomes terminados por chiante ou sibilante; acréscimo de -s a uma sílaba previamente alterada (os nomes terminados em -l e -ão); acréscimo de -s à mudança no timbre da vogal tônica ; (metafônicos). Guy diferiu um pouco de Braga e Scherre quanto ao agrupamento das categorias, mas as categorias foram as mesmas.

Os nomes terminados por vogal fazem o plural com acréscimo do morfema -s: aluno-alimos. São os mais produtivos na fala. Uma grande parte do vocabulário do falante é composto de palavras com terminação vocálica, enquadrando-se a sílaba final no tipo de estrutura silábica CV muito comum em final de palavra.

Os nomes terminados por em /êy/ formam também o plural com o acréscimo do -s, havendo apenas, na escrita, uma mudança de m para n por questões ortográficas, Mas o que nos levou a separar esta categoria dos nomes terminados por vogal foi o aspecto da desnasalização que observamos na emissão destes nomes. O plural, muitas vezes, é feito com a perda da nasalidade: jovem-joves, assim como a perda da marca de plural acompanha a desnasalização: os jovi'. Martinz de Aguiar (Fonética do Português do Ceará, 286) observa que a nasal final ditongada /êy/ sofre redução a vogal /i/ na pronúncia popular. Naturalmente não se trata de uma característica própria do falar cearense, de acordo com Serafim da Silva Neto (História da Língua Portuguesa, 623) o fenômeno se estende por todo o país:

"Na linguagem popular e regional de todo o País, perde-se a nasalidade final: virgem (virgê ou virgêi) pronuncia-se virge, homem (homê ou homêi) pronuncia-se home. Igualpente o ditongo final -ão perde a nasalidade e reduz-se a o na linguagem rústica: quiseram Cquiserão) e foram (forão), por exemplo, reduziram-se a quisero e foro".

Os nomes que terminam por /r/ e /s/ fazem o plural com a reposição da vogal temática acompanhada do -s (Mattoso Câmara, PLD, 60): mis -meses /mezes/, maior-maiores. Observamos que é comum na realização oral, os nomes portadores de uma destas terminações receberem apenas a vogal -e /i/ como marca de plural: dois mese.

De acordo com Mattoso Câmara, os nomes terminados em <sup>i</sup> \_l\_ recebem uma modificação maior na forma ao serem pluralizados. A supressão do -l ocasiona um contato com as vogais, produzindo uma ditongação antes do acréscimo do -s. Nos nomes paroxítonos em -il, há vima troca de vogais além da ditongação: difícil-difíceis; nos nomes em eJL, al, ul ocorre apenas a ditongação: animal-animais, pastel-pastéis; arizol-anzóis; azul-azuis. Os nomes oxítonos em -il sofrem apenas a supressão do l, acompanhada do acréscimo do -s: funil-funis.

Os nomes terminados em -ão possuem normativamente 3 formas de plural: ãos-ões-ães. No nosso corpus, estamos trabalhando diretamente com a produtividade linguística do falante. Interessando-nos, pois, em saber como ele aplica essa variável, ou seja, qual a forma mais usada, havendo a concordância.

Percebemos no nosso corpus que os norties terminados por -nh, ou seja, pela palatal /ñ/, em sua maioria diminutivos, estavam sujeitos à perda do -s e a supressão do /ñ/: os velhim - os velhim (velhinho). Este fato é documentado por Martins de Aguiar (C294), observando que o fonema nasal palatal /ñ/ desaparece depois de /i/, nasalizando-o. A mesma observação é feita por Serafim da Silva Neto baseado em Martinz de Aguiar:

"No Ceará opera-se no diminutivo -inhp uma evolução típica; é que ele passa a -io logo depois a ĩ, perdendo a vogal final: assim pombinho > pombio > pombim, caminho > camio > camim, vinho > vio > vim". (1979; 627)

Os nomes que sofrem o processo metafônico fazem o plural através de 2 formas; o acréscimo do -s e a abertura

da vogal tônica /o/ em oposição à vogal, tônica fechada no singular; bondoso-bondosos. Este processo ocorre em alguns substantivos; fogo-fogos e nos adjetivos com o sufixo -oso. A alternância vocálica entre o singular e o plural para indicar a flexão de número constitui um "traço morfológico redividante" (Mattoso; 1971; 56) em face da existência da desinência -s. Vamos observar nos nossos dados se houve a aplicação do processo metafônico ou se a tendência foi eliminá-lo.

/ Passemos agora a apresentar o resultado dos dados da categoria morfológica;

TABELA 17; índice de pluralização de acordo com os processos morfológicos<sup>20</sup>

	+	Total	%
X	3337	4959	67
R	472	528	89
O	82	119	69
L	63	67	94
M	22	53	41
D	11	53	20
T	32	36	89
Total	4019	5815	

$$(\chi^2 = 212.54p < .001)$$

Os nomes terminados por vogal foram os mais frequentes no corpus e obtiveram um índice de 67% de pluralização.<sup>21</sup> Estão incluídos neste fator os artigos e os pronomes, além dos adjetivos, e substantivos, havendo assim um reforço à porcentagem da presença da marca de plural. Mas, dentro do SN, os elementos terminados por vogal mais desfavoráveis à presença do -s são os substantivos e os adjetivos por ques-

tões posicionais às quais já nos referimos anteriormente. Itorfológicamente, a simplicidade do processo que não exige maiores modificações na foirma final do nome desfavorece a presença da flexão de número.

A porcentagem de pluralização dos nomes terminados em /r,s/ foi de 89% para um total de 528 nomes. Na tabela 18, apresentamos o resultado de cada terminação que mostra não ser necessário a separação dessas terminações por não ter havido diferença significativa de comportamento.

TABELA 18: Índice de pluralização dos nomes terminados por /r,s/

	+	Total	%
/s/	361	400	90
/r/	111	128	86.7
Total	472	528	

Exs.: "dois meses"

"uns mes<sup>II</sup>"

"os cartaze"

"as paz"

"alguns professore"

"uns tambor"

Tivemos 90% de pluralização para os nomes terminados em /s/ e 86,7% para os nomes terminados em /r/. Os nomes terminados em /s/ apresentaram loma incidência maior por causa da presença repetitiva da palavra 'vez' em alguns informantes. Excetuando essa palavr, tivemos 61 ocorrências através de "mês", "país", "japonês", "inglês", "rapaz", "cartaz", "voz" e "paz". A variação do vocabulário foi maior nos nomes terminados em -r.

Os nomes terminados em -ão apresentaram um índice de 69,% de pluralização para 199 ocorrências, centralizadas so-

bretudo nos nomes que pedem respectivamente as formas -s(ãos) e -ões no plúral. Os nomes que exigem apenas o -s podem ser enquadrados na mesma categoria dos nomes terminados por vogal por sofrerem o mesmo processo morfológico. Não usamos este procedimento porque nos interessava observar a incidência de ocorrências das 3 formas.

TABELA 19: índice de ocorrência das formas de pluralização dos nomes terminados em -ão

	+	Total	%
ão:s	18	43	41
ão:ões	63	74	85
ão;ães	1	2	50
Total	82	119	

Exs.;	"meus irmãos	"os meuz irmão"
	"iirmãos pequenos"	"ax mão"
	"as opiniões dele"	"as informação"
	"as últimas questões"	"todas as colocação"
	"multiplicação dos pães"	"...dos pão"

Conforme mostra a tabela 19, para os nomes que pedem a forma -ãos/ tivemos 43 ocorrências através dos vocábulos "irmão" e "mão", numa porcentagem de 41% de pluralização. Os nomes que recebem a forma -ões apresentaram 74 ocorrências representadas por "revolução, trapalhão, eleição, informação, questão, opinião, invenção, reunião, reflexão, comemoração, visão, transformação, condição, colocação, explicação, posição, menino, construção, locução, ladrão, decisão, religião, milhão, avião, quarteirão, caminhão, anão".

O Índice de pluralização foi o mais significativo das 3 formas, 85% relevando mais uma vez a força da modificação fônica na oposição singular-plural. O número escasso de da-

dos para a forma -ães (que ocorreu apenas uma vez e foi omitida uma outra) nos impossibilita de qualquer comentário. Dentro das possibilidades múltiplas de alguns nomes apresentarem duas ou as três estruturas de plural, houve apenas um caso que confluíu para a forma -ões: anões.

No plano sincrônico, a formação do plural dos nomes terminados em -ão é feita de uma maneira arbitrária. A gramática normativa apresenta, sem justificativas, uma série de nomes para cada forma. Na produção lingüística do falante, esta distribuição pode acontecer com uma troca de formas ou com variantes.

Pensando neste aspecto, incluímos a aplicação de um questionário (em anexo) oral para observarmos a variação destas formas em alguns nomes, mediante uma solicitação indireta de plural. Na tabela 20 constam os nomes com suas respectivas formas de plural obtidas.

**TABELA 20; Resultado da aplicação do questionário referente à pluralização dos nomes terminados em -ão.**

	ãos--ão		ões	ães	Total
cidadão	9	2	4	-	15
órfão	15	-	-	-	15
pagão	2	-	11	2	15
limão	-	-	15	-	15
salão	-	-	15	-	15
botão	-	-	15	-	15
questão	-	-	15	-	15
coração	■-	-	15	-	15
mamão	5	1	9	-	15
tabelião	-	-	15	-	15
alemão	5	-	7	3	15
capitão	10	-	6	■-	16
escrivão	5	•-	11		16
pão	-	3	-	12	15
..... Total	51	6	138	17	212

O resultado do questionário mostra que as três formas de plural interpenetram-se como variantes. <sup>22</sup> Conforme mostra a tabela 20, dos três nomes com plural em -ãos, uma recorreu à forma -ões: cidadãos-cidadões e outro, às formas -ões e -ães: pagãos-pagões-pagães. Dos sete nomes que fazem o plural em -ões, houve apenas uma variação através da forma -ãos: mamões-mamãos. A forma -ães ocorreu apenas em dois nomes, recorrendo também às variantes -ões e -ãos: alemães-aiemões-alemãos; pães-pão(s). Nos outros dois nomes que pedem a forma -ães, a pluralização realizou-se através de -ões e -ãos: capitões-capitãos, escrivões-escrivãos.

As interpretações mostram que as prescrições normativas relativas à pluralização dos nomes em -ão divergem um pouco da produção linguística do falante que permite variações entre as formas. Esta variação talvez seja uma consequência da falta de uma explicação sincrônica que justifique a escolha de determinada forma. A inexistência de uma "razão" sistemática requer a associação do nome a uma forma pré estabelecida. Tal fato faz com que o falante recorra com maior frequência à forma mais comum ao seu dialeto.

Diante do que foi obtido, observamos que a forma -oes foi a que apresentou menor ocorrência de variação. Foi um resultado coerente com as 63 pluralizações sem variantes do corpus. A forma -ães desapareceu em dois nomes (capitão e escrivão), fazendo-se presente com maior frequência apenas no nome "pão"; o que se justifica, pois apesar de sofrer variação, ainda existe consistência no seu emprego. Se não houvesse nomes que não admitem a forma -ões, como por exemplo, "mão e pão", poderíamos elegê-la como a norma e -ãos e -ães, suas variantes por estarem as duas formas mais propensas à variação.

O fato de palavras como "mao, ~pao, ~irmao, cao" , não <sup>23</sup> ocorrerem com a forma -ões, talvez possa ser explicado em função de diferenças lexicais entre contextos, conforme cita Hudson (1980; 168) fazendo referência ao estudo da variação das vogais:



"Probably the most interesting aspect of the study of the linguistic context is the question of lexical differences between contexts. It is becoming clear that the probability of a particular variant occurring in a word may vary according to what word is, and not on general phonological or syntactic properties of the word".

24

Os nomes terminados em -l apresentaram lam índice de 94% de pluralização. Embora a categoria abranja 6 variáveis morfológicas, ocorreram apenas três que correspondem respectivamente aos nomes paroxítonos terminados em ^ e aos oxítonos terminados em al e el.

Exs.; "as atividade mais fáceis"

"ua das mais difíceis"

"alguns hotéis"

"móveis velhos"

"as coisa impossíveis"

"aqueles noticiários internacionais"

"pessoas normais"

"as impressões digitais"

"uas coisa fácil"

"as revolução industrial"

"...dos material necessário

Os adjetivos "fácil, difícil e útil" representaram as nove ocorrências de plural para os nomes terminados em il. As dez ocorrências de, plural para os nomes terminados em el foram realizadas por "hotel, m5vel, coronel, impossível". Os nomes terminados em ^ demonstraram ser os mais produtivos no vocabulário dos informantes, apresentando também realizações quantitativamente distintas, através dos substantivos e adjetivos: "metal, animal, internacional, digital, normal, natural, policial, material, marginal, verbal, inicial, igual, mental, quintal, terminal, musical, multinacional, general, maioral, real, internacional, jornal, industrial, oficial".

O índice de pluralização 94% reforça a influência da diferença do "grau de saliência fônica na oposição singular

-plural" abordado por Braga e Scherre. Uma distinção maior entre as formas singular e plural leva o falante a perceber melhor o efeito sonoro da ausência da marca de plural. Os nomes terminados em r e s, por exemplo, apresentam uma saliência fônica menor do que os nomes terminados em 2<sup>^</sup>, e obtiveram um índice de pluralização menor, 89%.

Mostramos a quantidade de ocorrências juntamente com a variedade de formas para enfatizar o aspecto da produtividade linguística dos informantes em relação a essas ocorrências. Não houve, por exemplo, ocorrências com nomes em ol, ul e ij oxítonos; e, como vimos, poucos nomes terminados em il e el. Diante da inexistência e de um número pequeno de dados, hipotetizamos que o falante possui um vocabulário ativo escasso para tais casos. Poderíamos supor também que há um "escape" a essas ocorrências por desconhecimento das regras de plural, mas, no entanto, a presença quase total de pluralização repele a justificativa de que ele deixe de emitir nomes no plural com essas terminações por desconhecer as regras de pluralização.

Os nomes terminados em m /iy/ apresentaram um índice de 41% de pluralização para um total de 53 ocorrências, realizadas através dos nomes: "homem, traquinagem, paisagem, filmagem, passagem, reportagem, jovem, nuvem":. A repetição ocorreu com "jovem e homem". A aplicação do plural deu-se com e sem a perda da nasalização. Nos nomes pluralizados, houve uma maior conservação da nasalidade, enquanto que a perda da nasalização obteve uma maior incidência nos nomes sem a marca de plural. Houve apenas 9 casos em que a marca de plural veio antecedida de uma vogal desnasalisada e 25 casos de ocorrências simultâneas da perda do -s e da nasalização.

TABELA 21: Marca de pluralização e desnasalização nos nomes terminados em m /iy/

						25
PD	PN	Total	APN	APD	Total	

Exs.; "os homis"	"as paisagem"
"alguxnas passagis"	"as filmagem"
"úas filmagens"	"aquelas reportagi"
"os jovens" <sup>26</sup>	"as jovem"
"dois homens".	"quatro homi"

Obtivemos 53 ocorrências para os nomes terminados em -nh /ñ/, num índice de 20,75% de pluralização. Incluímos nesta categoria, os nomes na forma normal e na forma diminutiva. Percebemos na maioria dos diminutivos um tom de afetividade que os informantes deram a alguns nomes, sendo inclusive um aspecto comum da fala cearense.

A perda do /ñ/ foi quase categórica (não ocorreu apenas em um nome) antes da presença ou ausência da marca de plural. Precisaríamos de uma análise mais profunda para verificarmos se a forma nasal resultante da supressão do /ñ/ desfavorece de uma certa forma a presença da marca de plural. Não nos sendo possível um estudo mais minucioso, limitamos a registrar o fato. A nasalização ocorreu nos seguintes ambientes:

- 0: vizi<sup>~</sup> (antes de silêncio)

W<sup>~</sup> finais: forroziü<sup>~</sup> (em duas vogais finais)

V<sup>~</sup>-; vizios (na vogal anterior à vogal final)

A presença da marca de plural ocorreu apenas nos nomes cuja vogal final não foi nasalizada. Houve 32 ocorrências com este ambiente fonológico: W<sup>~</sup> com 10 pluralizações; 9- ocorrências com W e 11 com V<sup>^</sup>. Nenhum destes dois últimos ambientes apresentaram marca de plural.

TABELA 22: Marca de pluralização nos nomes que sofreram a perda do /n/

	pluralizações	Tòtal
~w	10	32
~~w		9
~vç	-	11

Exs.: W: "caslas particulares"

"naquelas banquiãs"

"essas conversiãs"

"muitas mociãs"

"dois patios"

V^; "üns ferrl bem fini"

"os vizx"

"os esp<sup>x</sup> naturais"

"aqueles velhx"

"vms conselhozi"

W: "os dois grupiü"

"esses forroziü"

"desses meninoziü"

"oz otro viziü"

"os brotiü"

Os nomes que sofrem o processo metafônico na oposição singular e plural apresentaram 32 ocorrências; Incluímos os adjetivos na função de predicativo que apresentavam meta-fonia. A porcentagem de pluralização foi de 89% com 32 realizações metafônicas. A exemplo de Scherre, consideramos a abertura da vogal tônica como marca de plural, quando a desinência -s não ocorreu. Assim no SN "oz ólho" houve a aplicação da concordância. Inclusive neste caso podemos considerar a abertura da vogal tônica como "traço morfológico principal" em razão da ausência do -s. Certo que o determinante já

indica o plural, mas a concordância foi feita através da metáfora. A troca de função, de redundante para principal (Mattoso faz referência a esta troca na flexão do gênero era avô-avô), é mais evidenciada em um enunciado do tipo "havia criminoso ali" onde não existe nenhuma informação precedente.

A metáfora foi aplicada nos nomes: "tijolo, olho, osso, povo, imposto, novo, morto, criminoso". Com exceção de "povo" e "osso", todos eles foram repetidos, ocorrendo variação no uso da metáfora apenas em "tijolo" que foi emitido duas vezes sem a abertura da vogal e seis vezes com o timbre aberto. Os dois casos da não abertura da vogal tônica ocorreram com "porco" e "grosso".

Exs.:	"os dois mais nov <u>os</u> "	"cinco tijolo"
	"noz <u>o</u> lho dele"	"os porco"
	"os p <u>o</u> vos"	
	"...com os tijo <u>l</u> o"	

A gramática normativa apresenta uma lista de substantivos que sofrem a abertura da vogal tônica /o/ no plural. No entanto, observamos que na fala a aplicação metafônica desses nomes não é constante e, em alguns, a oposição do timbre quase inexistente. Esta quase inexistência talvez se deva ao fato de não serem nomes muito usados, provocando assim o desconhecimento do processo; ou, então, em razão da tendência para o timbre fechado. Cientes de que não encontraríamos dados suficientes no corpus, elaboramos um texto (em anexo) contendo os substantivos apresentados pela gramática normativa e alguns adjetivos com "plural metafônico" para que através da leitura do texto pudessemos detectar mais especificamente a performance dos informantes perante este processo.

Embora tenhamos feito uma mesclagem, inserindo no texto nomes que não sofrem a abertura da vogal tônica, o re-

sultado não pode ser considerado plenamente satisfatório. Neste tipo de método, existe a possibilidade do falante perceber intuitivamente o aspecto que está sendo focalizado e favorecê-lo.

Mesmo tendo ocorrido esta possibilidade, obtivemos variações significantes em alguns nomes. Observando os quadros 7 e 8, podemos verificar que os substantivos foram os que apresentaram um maior número de variação. Os mais propensos à eliminação da metafonía foram "fornos, miolos, esforços, caroços". Em "fornos" praticamente inexistente a metafonía, possivelmente, as 3 ocorrências foram em razão da situação contextual. Dentre os 23 substantivos, apenas 5 não apresentaram variação. Com exceção de "porcos", todos eles ocorreram no corpus das entrevistas, deixando prevalecer a abertura do timbre da vogal. Os adjetivos também apresentaram variação, mas com menores ocorrências. Tendo sido "tortos, bondosos e vaidosos" que apresentaram uma variação maior.

Diante da limitação da pesquisa, achamos vult tanto imprudente apontarmos tendências generalizadas ao uso metafônico em determinados nomes e ao não uso metafônico em outros. Podemos dizer apenas que "tijolos, jogos, olhos, impostos", levando-se em consideração o número de ocorrências destes nomes nas entrevistas e que foram pronunciados com a vogal tônica aberta, apresentam uma aplicação metafônica mais consistente. Nos demais, com exceção de "fornos" não podemos fugir da possibilidade de alguns informantes terem se preocupado em abrir o timbre da vogal. Inclusive, no ato da leitura, alguns informantes demonstraram uma insegurança lingüística pronunciando com a vogal tônica aberta os nomes "bolos" e "cachorros". Precisaríamos, assim, de ocorrências mais espontâneas para chegarmos a uma conclusão segura.

TABELA 23; Resultado da leitura do texto contendo substantivos que sofrem o processo metafônico

Substantivos	/o/	/ó/
portos	3	12
impostos	3	12
tijolos	-	15
poços	4	11
ossos	-	15
ovos	1	14
olhos	~	15
caroços	5	10
fossos	3	12
corpos	2	13
socorros	11	14
reforços	2	13
destroços	2	13
despojos	4	11
esforços	6	9
fogos	4	11
jogos	-	15
fornos	12	3
miolos	7	8
postos	3	12
aeroportos	5	10
rogos	3	12

TABELA 24; Resultado da leitura do texto contendo adjetivos que sofrem o processo metafônico

Adjetivos	/o/	/ó/
caridosos	1	.14
bondosos	4	11
atenciosos	1	14
preguiçosos	1	14
medrosos	1	14
talentosos	2	13
corajosos	1	14
dispostos	1	14
jeitosos	-	15
tortos	5	10
vaidosos	3	12
mimosos	5	10
estudiosos	3	12

Retomando a tabela 17, dentro de um resultado geral, os processos morfológicos mais favoráveis à marca de plural são os que ocorrem nos nomes terminados por -l /aw,ew,iw/, num índice de 94% de pluralização; nos nomes terminados por /r,s/ e nos nomes que sofrem a abertur a da vogal tônica no plural. Os dois últimos apresentaram um índice de 89% de pluralização. Nos nomes terminados em -ão, o índice de pluralização foi de 84%.

Não houve uma diferença significativa entre os nomes que apresentam grau de saliência fônica na oposição singular - plural. A diferença maior foi de apenas 10% entre os nomes terminados em -l e os nomes terminados em -ão; nos demais a diferença ficou em 5%.

A porcentagem de pluralização decresce à medida que o grau de saliência fônica desaparece. Se não há uma mudança fônica entre a forma singular e a forma plural, a vogal fi-



nal quer seja tônica, quer sofra um processo de nasalização ou desnasalização, está sujeita a uma maior perda da marca de plural. Conforme pudemos ver na tabela 17, a porcentagem de pluralização para esses casos foi; X (67%); M (41%) e D(20%). Amalgamamos assim os nomes terminados por /iy/ e /ñ/ e os nomes terminados por -ão (já verificamos o índice de ocorrência das 3 formas em -ão) aos nomes terminados por vogal. Na tabela 25, apresentamos o resultado numa ordem decrescente de pluralização.

TABELA 25: Resultado amalgamado da presença de pluralização de acordo com os processos morfológicos

	+	Total	%
L	63	67	94
R	472	528	89
T	32	36	89
O	64	76	84
X	3388	5108	66
Total	4019	5815	

$$iX^2 = 154.46p < .001)$$

A tabela 26 mostra o índice de pluralização por informante. Embora no geral, os resultados confirmem os da tabela 24, individualmente encontramos situações inversas. A ausência de saliência fônica não desfavoreceu a presença do -s em alguns informantes do grupo RA que atingiram um alto índice de pluralização, e a maior saliência fônica não favoreceu a presença do -s em alguns informantes do grupo RB que produziram um menor número de pluralização.

TABELA 26: índice de pluralização de acordo com os processos morfológicos por informante.

		RB			RA			
		+	Total	%				
		+	Total	%	+	Total	%	
Ao.	X	151	260	58	Ro.	212	75	
	R	47	52	90		17	100	
	O	1	5	20		5	100	
	L	-	1	0		8	88	
	T	-	-	-		4	100	
	M	-	4	0		3	75	
	D	-	2	0		-	1	0
To.	X	176	286	61	Do.	184	68	
	R	33	55	60		30	97	
	O	--	11	0		-	1	0
	L	2	3	66		4	4	100
	T	5	5	100		- ■	1	0
	M	2	7	28		■-	-	-
	D	-	4	0		-	4	0
Po.	X	274	397	69	Eo.	161	62	
	R	58	64	90		29	29	100
	O	4	9	44		6	8	75
	L	6	6	100		8	8	100
	T	1	1	100		3	3	100
	M	1	2	50		4	7	57
	D	-	2	0		-	1	0
Go.	X	231	385	60	Ho.	95	57	
	R	25	28	89		18	21	86
	O	16	19	84		1	1	100
	L	10	10	100		-	-	-
	T	2	2	100		2	2	100
	M	2	3	66		-	-	-
	D	-	4	0		-	1	0

		RB			RA			
		+	Total	%			%	
Ma.	X	369	554	66	Ca.	244	305	81
	R	22	27	81		43	43	100
	O	8	9	89		4	6	66
	L	4	4	100		2	2	100
	T	2	3	66		2	2	100
	M	1	5	20		-	3	0
	D	4	9	44		2	6	33
Fa.	X	332	516	64	Ja.	254	299	85
	R	25	26	96		20	21	95
	O	12	12	100		4	6	66
	L	4	5	80		6	6	100
	T	2	3	66		-	-	-
	M	4	8	50		1	1	100
	D	2	6	33		2	4	50
La.	X	182	276	66	Ia.	159	206	77
	R	32	38	84		19	19	100
	O	6	6	100		9	12	75
	L	3	3	100		-	-	-
	T	-	-	-		2	2	100
	M	1	5	20		2	2	100
	D	-	4	0		-	-	-
Va.	X	182	255	71	Ka.	131	244	53
	R	35	38	92		19	19	100
	O	5	6	83		2	3	66
	L	4	4	100		2	2	100
	T	2	2	100		1	1	100
	M	-	1	0		1	1	100
	D	-	1	0		1	4	25
Total		2290	3453		1726		2357	

## 2.3 - Fatores Extralingüísticos

### 2.3.1 - Estilo

Analisamos o grupo de fator estilo para verificarmos se havia uma influência do estilo do discurso usado nas entrevistas sobre a aplicação ou não aplicação da regra de concordância de número. Restringimos a abordagem do estilo a alguns aspectos que nos foram possíveis detectarmos durante o discurso dos informantes.

Caracterizamos o estilo em função da maneira como o discurso se processou em termos de restrição e amplitude de respostas. Para tanto partimos da conceituação de 'estilo de entrevista' de Milroy and Milroy. (1976; 12):

"Is is defined as speech which falls into the question/answer (QA) discourse of an interviews".

Todo o discurso foi iniciado dentro de um 'estilo de entrevista' para depois passar a um estilo mais ou menos espontâneo. Consideramos um estilo mais ou menos espontâneo quando o informante não se limitou a responder restritamente as perguntas do entrevistador e estendeu, ou elicitou o assunto do discurso. Passamos do estilo mais ou menos espontâneo ao espontâneo quando o informante descreveu ou narrou uma situação de perigo ocorrida com ele.

Após esse posicionamento, constituímos os três fatores do grupo enquadrando o discurso dos informantes dentro de um estilo formal, mais ou menos formal e informal. Encaiamos o estilo formal dentro do estilo de entrevista caracterizado por Milroy and Milroy em que o informante responde de uma forma restrita as perguntas que lhe são dirigidas.

Exs.; 1. E. E sua mãe trabalha?

I. Trabalha assim lavando roupa pas casa\* (A0;16;IB)

2. E. Faz tempo que você estuda aqui?

I. Faz quatro anos. Vai fazer quatro anos agora. (Po.15;RB)

3. E. E você lembra da jovem guarda?

I. Lembro. Era legal demais. Eu queria que voltasse aqueles tempo. (To; 16; RB)

Consideramos o estilo mais ou menos formal quando o falante não se limita a responder restritamente as perguntas do entrevistador. A pergunta elicitada é apenas um meio para que ele estenda o assunto ou faça uma associação a fim outro, narrando uma situação ou emitindo uma opinião sobre algo.

Exs.: 1. E. Você acha que uma pessoa deve casar cedo?

I. Eu acho que a maioria, -o índice dos desquite hoje em dia, dos divórcio é... eu acho que é por isso também, se casa novo demais. Eu tô pra mim que a pessoa num deve se casar novo demais. Acho que quando tivé com uma idade que possa ter experiência daquilo que possa sabê o que é aquilo que ele vai fazê que ele ou ela vai fazê pra assumi um lar. (CP; 15; RB)

2. E. O que é que você acha da violência?

I. É, eu acho muito é ruim pra gente, porque ainda ontem morreu um lar perto lar de casa e morreu um lar na feira dos município. Eu tava lar ontem, aí morreu um lar, sabe? Eu tio mãis luta, mas eu só ajo assim com ar mãis luta quando é muita precisão, quando tem muita precisão. (T; 16; RB)

3. E. Quais são os pontos positivos e negativos de ser filha única?

I. É. Filha única é bem mais mimada assim. Eu num, gosto porque a mãe tem muita preocupação comigo. Toda cheia de fricção

tes. Se bem que no natal, nessas outra, eu  
gãio bem mais presentes. Eu tio um quar-  
to sozã, num precisa dividir com os ir-  
mãos porque eu vejo a mia colega é assim  
o maior quebra pau dentro de casa com os  
irmãos... e lá em casa é bem mais calmo.  
CC; 13; RA)

Consideramos estilo informal, quando o falante des-  
creve ou narra \ama situação ocorrida com ele. Usamos para e-  
licitar este estilo a técnica do "perigo de vida" adotada por  
Labov (Sociolinguistic Patterns) que defende com um tipo de  
pergunta como "Você já passou por algum perigo de vida?"  
uma resposta que se positiva, leva o falante a uma maior des-  
preocupação com o uso da fala por se envolver emocionalmente  
no momento em que está narrando o fato. De uma certa forma, é  
como se sentisse revivendo a situação.

Exs.: E. E você lembra de alguma briga forte que te-  
ve?

I. Já... briga... Eu tarra brigando com um ca-  
ra lá no muro sabe? E carento. Aí eu fui dá  
um murro assim na cabeça do cara pa péga na  
parede mermo pa lascá, al o cara se abaixô,  
al o cara se abaixô, aí eu dei um murro na  
parede, aí saiu sangue daqui, ralô tudim,  
aí eu fui correndo atrás chutando o menino  
rêi, o menino entrô dentro de casa, aí eu  
saí, eu fui pegá ôtro, aí peguei, aí fui  
pêgá o otro, aí quando eu, o que a gente \da  
nos filme, pequeno a gente vê os filme, o  
cara tacando na barriga do oto né? O cara  
cai, aí fui caí nessa bestera, aí fui, o ca-  
ra pegô no meu braço, e me puxô e eu caí  
longe, aí eu fui, porque a gente via naque-  
les filme, o cara dando o murro, aí o cara  
se abaixa, aí eu caí nessa bestera. O cara

tacô aqui, aí eu fiquei tontim, zonzo, zonzozinho. Dessa, eu nunca mais me esqueço não. Cheguei em casa todo vermelho, isso aqui to do sangrando. (D; 13; RA)

E. Você já passou por algum perigo de vida?

I. Eu fui pra praia ùa vez, quase morro, afogado. Eu num sei nadâ. Eu fui... Os meus colega entrando, eu achei aquilo bonito, aí eu entrei também, lá na Barra do Ceará. Aí eu fui procurá o chão não encontrei, aí eu fiquei, me senti logo aperreado, aí o 'Aurélio, ele disse: Vixe, rapaz.' O Arimatéia ali entrô nua situação - Aí começo logo a nadá pra vir me acudi e eu aperreado me joguei e ele disse:- Arimatéia, tu tem que se controlar - Eu taquei foi o murro nos • peito, assim ùa braçada nos peito dele, eu aperreado, queria que ele me segurasse e ele nxam, eu tava vendo que eu ia morre mesmo, aí vei um cara lá que tava assim com a parece que era noiva ou esposa dele do lado, na praia, aí ele pegô saiu, aí ele disse:- rapaz, o menino ali tá morrendo - e os meus familiares ,num viro isso não.. Eles tavam do outro lado. Aí ele começô a nadâ, me pegô, me pegaro de jeito assim., apertaram e botaram no ombro aqui e começaram a nadar, aí ele disse;- Arimatéia - aí me empurraram pra frente - bate os braço - Se eu bati os braço, eu entro, - aí me jogaram pra frente... (CPo; 15; RB)

Conforme observa Labov, a fala corrente e a fala cuidada frequentemente se misturam no decorrer do discurso. Tratando-se de entrevistas, a presença do gravador e do próprio entrevistador atuam como opressores e descaracterizam a es-

pontaneidade da situação, pois forçam muitas vezes o informante a preocupar-se com o uso de sua fala.

Passemos agora a analisar o resultado da concordância de número no SN obtido por cada grupo perante os três tipos de estilo:

TABELA 27: Influência do estilo sobre a presença da marca de plural -s nos grupos RB e RA

	RB			RA		
	+	Total	%	+	Total	%
Formal	417	624	67	383	512	75
Mais ou menos formal	1792	2689	66	1298	1757	74
Informal	81	140	58	45	88	51
Total	2290	3453		1726	2357	

RB: ( $\chi^2 = 4.65p > .10$ )

RA: ( $\chi^2 = 22.93p < .001$ )

Os sintagmas nominais ocorridos em tmi estilo formal e em um estilo mais ou menos formal apresentaram por grupo uma porcentagem de pluralização quase idêntica, com uma diferença apenas de 1%. Esta pequena diferença mostra que houve \am comportamento similar da marca de pluralização nos dois estilos. Não tendo sido a distinção entre o estilo formal e o estilo mais ou menos formal relevante para o uso da pluralização. Entre os grupos, o índice de pluralização prevalece para o grupo RA, exceto no estilo informal. Pelo teste qui-quadrado, o resultado s5 foi significativo para o grupo RA. Individualmente (ver tabela 29), a diferença entre os estilos formal e informal é irrelevante.

O estilo informal, em relação aos demais, desfavoreceu a presença da marca de pluralização. Observamos que no



grupo RÃ, houve um decréscimo bastante significativo entre os estilos formal e informal: 75%-51%. Dado que demonstra ter liavido uma maior despreocupação dos informantes com o uso da Ifala no momento em que descreviam ou narravam uma situação de perigo vivenciada por eles. Apontamos como causa da porcentagem de pluralização ter sido inferior ao grupo RB, a quantidade menor de sintagmas nominais com uma ou mais marcas de plural, apresentada no estilo informal pelo grupo RÃ. O grupo RB apresentou um total de 81 marcas de plural para ura total de 140 ocorrências, enquanto que o grupo RA apresentu 4 5 marcas para um total de 88 ocorrências. Houve outro aspecto que nos parece ter favorecido o grupo RB. Os informantes deste grupo usaram com muita frequência a expressão "às vezes" que transitou também no estilo informal.

Percebemos uma pequena diferença quanto ao uso de pluralização nos estilos formal e mais ou menos formal, quando comparamos a pluralização total dos sintagmas. Os três estilos apresentaram sintagmas com pluralizações totais e sobretudo parciais. Consideramos a pluralização parcial, quando a marca de pluralização não se encontra em todos os elementos do sintagma. A tabela,28 mostra a incidência de pluralização total dos sintagmas nos três tipos de estilo:

TABELA 28: Influência do estilo sobre os sintagmas nominais com pluralização completa.

	+	Total de Sintagmas	%
Formal	275	805	34
Mais ou menos formal	898	3090	29
Informal	25	126	19
Total	1198	4021	

$$CX^2 = 14.06p < .001)$$

Tratando-se da aplicação completa da concordância no SN, houve um decréscimo entre os três estilos. A presença de pluralização completa nos sintagmas nominais no estilo formal foi de 34%, no mais ou menos formal 29% e no informal 19%. O resultado do estilo informal foi coerente com o apresentado na tabela 27. Houve uma diferença de 5% no uso da pluralização entre os estilos formal e mais ou menos formal.

Mas dado a discrepância no total de pluralização entre os três estilos, não podemos afirmar que os sintagmas nominais pluralizados totalmente sofram uma influência do tipo de estilo sobre a concordância, embora não possamos deixar despercebido o decréscimo coerente ocorrido entre os três estilos.

TABELA 29; Influência do estilo sobre a presença da marca de plural -s por informante

	+	Total	%		+	Total	%
Ao. F	52	88	59	Ro.	40	51	78
± F	131	201	65		203	260	78
I	16	35	46		6	11	54
■i							
To. F	20	31	64	Do.	43	61	70
+ F	160	281	57		144	192	75
I	38	59	64	!	31	58	53
Po. F	59	77	76	Eo.	34	47	72
± ^	277	392	70		177	267	66
I	8	12	66		-	-	-
Go. F	117	192	61	Ho.	46	70	65
+ F	160	241	66		69	119	58
I	9	18	50		1	2	50
Ma. F	8	9	89	Ca.	120	145	83
+ F	400	599	66		174	215	81
I	2	3	66		3	7	43
Fa, F	42	56	75	Ja.	32	36	89
+ F	331	507	65		255	301	85
I	8	13	61		-	-	-
La. F	60	89	67	Ia.	29	37	78
i ^	164	243	67		162	204	79
					-	-	-
Va. F	59	82	72	Ka.	39	65	60
+ F	169	225	75		114	199	57
					4	10	40
Total	2290	3453			1726	2 357	

### 2.3.2 - Sexo

Separamos o resultado da presença da marca de plural por sexo para verificarmos se a diferença sexual exerceria um papel significativo sobre o uso da regra de concordância. A tabela 30 mostra que o grupo das meninas teve uma maior preocupação com o aspecto da concordância, atingindo uma porcentagem de 71% de pluralização. O grupo dos meninos obteve um resultado inferior com 66% de pluralização. Pelo teste qui-quadrado, o resultado é significativo.

TABELA 30; Posição da variável sexo sobre a presença da marca de plural -s

	+	Total	%
Meninas	2175	3045	71
Meninos	1841	2765	66
Total	4016	5810	

$$\chi^2 = 15.92p < .001)$$

É um resultado condizente com as diversas constatações obtidas em estudos sócio-lingüísticos de que o sexo feminino possui uma maior influência sobre as variáveis • lingüísticas. Conforme observa Labov, as mulheres são mais propícias ao uso da forma prestígio do que os homens. (Sociolinguistic Patterns, 243) .

Observando o resultado individual de cada grupo, apresentado na tabela 31, verificamos que a margem de porcentagem atingida por cada menina é quase toda ela proporcionalmente superior a de cada menino.

TABELA 31: Resultado individual da retenção da marca de plural nos meninos e nas meninas

Meninas				Meninos			
	+	Total	%		+	Total	%
Ja.	287	337	85	Ro.	249	322	77
Ca.	297	367	81	Po.	344	481	71
jla.	191	241	79	Do.	218	311	70
Va.	228	307	74	Eo.	211	314	67
Ma.	410	611	67	Go.	286	451	63
La.	224	332	67	Ao.	199	324	61
Fa.	381	576	66	Ho.	116	191	60
Ka.	157	274	57	To.	218	371	56
Total	2175	3045			1841	2765	

A porcentagem maior de pluralização do gi<sup>po</sup> dos meninos foi inferior a 80%, enquanto que, no grupo das meninas foi superior a 80%. Torna-se ainda mais evidente um maior uso da marca de pluralização pelas meninas, quando comparamos o resultado desta variável dentro de cada grupo social.

TABELA 32; Resultado da variável sexo sobre a retenção da marca de plural no grupo RB

RB - Meninas				RB - Meninos			
	+	Total	%		+	Total	%
Va.	228	307	74	Po.	344	481	71
Ma.	410	611	67	Go.	286	451	63
La.	224	332	67	Ao.	199	324	61
Fa.	381	576	66	To.	218	371	56

TABELA 33: Resultado da variável sexo sobre a retenção da marca de plural no grupo RA

	RA - Meninas			RA - Meninos			
	+	Total	%	+	Total	%	
Ja.	287	337	85	Ro.	249	322	77
Ca.	297	367	81	Do.	218	311	70
Ia.	191	241	79	Eo.	211	314	67
Ka.	157	274	57	Ho.	116	191	60
<b>Total</b>	<b>932</b>	<b>1219</b>		<b>794</b>	<b>1138</b>		

No grupo RB, houve apenas um caso em que o informante Po. apresentou uma porcentagem de pluralização superior a três meninas do seu grupo. No grupo RA, a informante Ka. apresentou uma porcentagem de pluralização inferior aos meninos do seu grupo. Excetuando estas discrepâncias (que serão comentadas na variável classe social), os dois quadros (tabelas 32 e 33) mostram que, no âmbito geral, o grupo de fator sexo repercutiu na presença da pluralização. Focalizando a variável dentro de cada grupo, ressaltamos que as meninas Ja., Ca., Ia. do grupo RA, embora conversassem fluentemente, demonstraram uma atitude de compenetração que não foi manifestada pelas meninas do grupo RB e nem pelos meninos de ambos os grupos.

### 2.3.3 - Classe Social

A análise do grupo de fator classe social foi feita através da divisão dos informantes em dois grupos: Renda Baixa e Renda Alta.. Conforme mostra a tabela 34, os informantes pertencentes ao grupo RA apresentaram uma maior porcentagem de pluralização. Pelo teste qui-quadrado, o resultado foi significativo.

TABELA 34: Influência da variável classe social sobre a retenção da marca de plural

	+	Total	%
RA	1726	2357	73
RB	2290	3453	66
Total	4016	5810	

$\hat{irf} = 31.31p < .001$ )

É natural que os informantes do grupo RA usem uma maior marca de pluralização, pois estão mais expostos a um português padrão. No entanto, não foi um comportamento geral do grupo. Observando o resultado de cada informante, percebemos que os dois grupos apresentaram discrepâncias.

TABELA 35: Resultado individual da retenção da marca de plural nos grupos RB e RA

	RB			RA		
	+	Total	%	+	Total	%
Va.	228	307	74	Ja.	287	85
Po.	344	481	71	Ca.	297	81
Ma.	410	611	67	Ia.	191	79
La.	224	332	67	Ro.	249	77
Fa.	381	576	66	Do.	218	70
Go.	286	451	63	Eo.	211	67
Ao.	199	324	61	Ho.	116	60
To.	218	371	56	Ka.	157	57
Total	2290	3453		1726	2357	

Nos dois grupos ocorreram resultados paralelos e inversos. Como exemplo de resultado inverso, temos o caso da

informante Va, 74%, e do informante Pa, 71%, do grupo RB que apresentaram uma porcentagem de pluralização superior a quatro informantes do grupo RA. Outro resultado inverso ocorreu com as informantes Ma, La, 67%, Fa, 66%, e o informante Go, 63% que apresentaram um índice de pluralização superior aos informantes Ho, 60% e Ka 57%, do grupo RA.

As informantes Ma. La. e Fa. apresentaram um resultado paralelo ao informante Ea do grupo RA. Comportamento semelhante ocorreu com o informante Ao. 61%, em relação ao informante Ho 60% do grupo RA; e com a informante Ka, 57% em relação ao informante To., 56%, do grupo RB.

Atribuimos loma das razões dessas discrepâncias à posição contextual dos informantes. No grupo RA, por exemplo, as informantes Ja e Ca que apresentaram um maior índice de pluralização, respectivamente, 85% e 81%, demonstraram ter um bom nível de leitura e uma maior vivência cultural. Situação inversa ocorreu com o informante Ho, 60% e a informante Ka, 57%, também pertencentes ao grupo RA. Estes informantes em relação aos demais membros do grupo, apresentaram lama total despreocupação com vim posicionamento amadurecido, deixando transparecer nitidamente um interesse quase que exclusivo por uma fase mais lúdica. Não demonstraram nenhuma preocupação com o uso da fala.

No grupo RB, os informantes Va-Po que apresentaram um maior índice de pluralização demonstraram ter como objetivo maior atingir um nível de estudo superior. Possuíam também um bom desempenho escolar. Pensavam seriamente em melhorar de vida através dos estudos. O sonho da informante Va era ser engenheira e do informante Po era . cursar a escola militar das Agulhas Negras. As informantes Ma, La. e Fa. que apresentaram vim índice de pluralização semelhante ao do informante EOf do grupo Ra estão sempre a frente das atividades sociais promovidas pelo colégio. Inclusive a informante Fa era líder de classe e participava ativamente de um grupo de jovens. Demonstraram ter um maior contato com pessoas de outros grupos. Os informantes Ao e To apresentaram um contato social muito limitado, restrito a pessoas do nível deles.



As discrepâncias ocorridas representam um indício de que não só o fator social repercute na produção linguística. Caminhando com ele, encontram-se condições contextuais de natureza diversa que influem na performance do falante. Estas condições variam de informante para informante e provocam uma diferença de grau no uso de uma variável linguística por um mesmo grupo.

---

### 3.1 " Visão Comparativa

A análise dos nossos dados apresenta mais xnn resultado comprovatório da tendência existente no português falado para se eliminar a redundância no uso da marca de plural. Esta tendência não ocorre na sua totalidade, havendo na concordância de número uma variação entre o uso e o não uso da marca de plural que está relacionada com o grau de condicionamento de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Comparando o resultado da nossa análise com da literatura existente, observamos que não houve uma coincidência total no condicionamento dos fatores lingüísticos e extralingüísticos sobre a retenção da marca de plural -s. No âmbito dos fatores lingüísticos (ver o quadro comparativo), a primeira divergência que encontramos diz respeito à influência do contexto fonológico seguinte. Conforme já salientamos, os nossos resultados divergiram de Braga e Guy sobretudo em relação à influência da pausa que, dentre os fatores fonológicos foi a que mais mais favoreceu a presença do -s nas regiões mineira e carioca. Situação inversa ocorreu nos nossos dados onde a pausa inibiu a retenção do -s. Em Guy, as vogais favoreceram a presença do -s mais que as consoantes, enquanto que, nos nossos dados, o efeito das vogais sobre a retenção do -s foi equivalente ao obtido por Braga, ocupando um segundo plano de influência. Quanto ao efeito do ponto de articulação, divergimos da hierarquia apresentada por Braga e Guy: velares-labiais-dentais, tendo havido uma inversão de posição entre as velares e labiais.

Essa divergência entre o efeito dos fatores fonológicos mostra que cada fator não possui um condicionamento categoricamente delimitado para atuar com exclusividade sobre a

retenção ou a eliminação do fonema anterior a ele. Diferenças de dialeto devem ser levadas em consideração. Na nossa análise, existe a possibilidade de ter havido uma diferença de dialeto como ocorreu num estudo sobre o apagamento do t-d (Guy; 1977, p. 5) entre as populações de New York e Filadélfia, tendo a pausa favorecido a retenção do t-d para os falantes de Filadélfia e desfavorecido-a para a população de New York. No entanto precisaríamos atingir uma maior população da área estudada para apontarmos com precisão a diferença dialetal como responsável pelo comportamento da pausa.

Observando o efeito da posição que a palavra ocupa no SN sobre a retenção do -s, podemos dizer que a diferença maior relativa ao uso do -s centraliza-se generalizadamente entre a posição zero e as demais posições. A partir da posição 1, o decréscimo é bem menor, aumentando, porém, a variação entre os grupos das demais áreas pesquisadas. Na área do Triângulo Mineiro, por exemplo, as posições que seguem a posição zero no SN foram as que menos receberam a marca de plural, o mesmo ocorrendo nas populações semi-escolarizadas da área do Rio de Janeiro (Scherre e Guy). Poderíamos generalizar que no nível semi-escolarizado a proporção que um elemento se distancia da posição zero, a noção de pluralização vai escapando da performance do falante. No entanto, os resultados da classe média de Braga que possui o segundo grau, foram bem inferiores aos dos nossos informantes do grupo RA. Tal fato nos faz pensar na possibilidade da influência da área geográfica influenciando numa maior extensão no fenômeno do apagamento do -s.

Não nos é possível estabelecer um quadro comparativo para o grupo de fator informação de plural precedente em razão de diferentes procedimentos de análise nos trabalhos em foco. Prevalece, numa observação geral, a maior retenção do -s na palavra que não possui nenhuma informação prévia de plural.

Em relação ao grupo de fator categoria morfológica, prevalece um alto índice de pluralização nos nomes que sofrem o processo metafônico, com exceção da classe média de

Braga. Esse índice, porém, foi mais significativo nos nossos dados e nos de Scherre em razão de um maior número de ocorrências. Precisaríamos saber que nomes representaram o processo metafônico das demais áreas para sabermos se o tipo do nome não estaria, por ter um uso bastante frequente como "ovo, olho, tijolo, etc." e também por uma incidência repetitiva (.fato que ocorreu no nosso corpus) , repercutindo na realização do processo metafônico.

O maior grau de saliência fônica foi significativo para os informantes que possuem um nível de escolarização maior. Correspondem aos nossos informantes a classe média de Braga e a classe escolarizada de Scherre. Houve um decréscimo no uso da marca de plural com a diminuição de grau de saliência fônica nos nomes terminados em /r-s/, tendo sido os nomes terminados em /s/ os mais afetados sobretudo na classe média da região mineira onde o grau de saliência fônica não condicionou o uso da pluralização nos nomes terminados em /s/. Em Scherre houve um pequeno efeito quase equivalente ao grupo semi-escolarizado. O efeito da saliência fônica para os nomes terminados em r-s foi significativo e similar apenas nos nossos dados. O nível de escolarização parece não ter influído no uso da pluralização, pois os nossos informantes possuem um nível escolar inferior aos de Braga (classe média) e aos de Scherre (população escolarizada).

Essa rápida visão comparativa mostra que o efeito do grau de saliência fônica sobre a retenção do -s foi mais consistente quando a modificação na forma final da palavra foi maior, quando a modificação foi menor, o condicionamento esteve sujeito a uma maior variação. Embora tenha havido uma discrepância no número de ocorrências entre os demais trabalhos, o número de dados do nosso corpus aproxima-se de Braga o que nos permite admitir que a população estudada da área de Fortaleza tende a usar mais a marca de plural do que a população da área mineira.

Estendendo a visão comparativa aos fatores extralingüísticos, os nossos resultados referentes ao fator sexo i-

dentificam-se com os de Guy os quais evidenciaram uma maior aplicação da regra de concordância por parte das mulheres. Em Scherre, conforme ela observa, os resultados deste fator tiveram uma influência irrelevante, havendo comportamentos lingüísticos bastante semelhantes (p.115). Inclusive o efeito foi de acordo com os grupos estudados: os homens do grupo escolarizado apresentaram uma maior tendência para a aplicação da regra de concordância, situação inversa ocorreu no grupo semi-escolarizado onde as mulheres usaram mais a marca de plural.

Os nossos resultados do fator classe social apresentaram efeito similar aos de Braga e Scherre. Em todos eles, a maior aplicação da regra de concordância ocorreu na classe de renda mais alta. Nos nossos dados o efeito foi menor em razão de uma maior equiparação no nível de escolarização, todos os informantes cursavam a sétima série. Em Braga e em Scherre houve um desnível no grau de escolarização, respectivamente entre 1º grau e 2º grau e entre semi-escolarizado e escolarizado, ficando nos dois estudos a população de renda baixa no nível mais inferior de escolarização.

#### TABELAS COMPARATIVAS

##### a. Posição no SN

Braga (1967) (p. 54)

	Cl. Baixa		Cl. Média
Distância 0			
(1º elemento)	$\frac{1538}{1589}$ 96,0%		$\frac{1501}{1528}$ 98,2%
Distância 1			
(2º e 3º el.)	$\frac{368}{1968}$ 18,7%		$\frac{826}{1901}$ 43,3%
Distância 3			
(4º e 5º el.)	$\frac{4}{39}$ 10,28%		$\frac{13}{36}$ 36,1%

Scherre (1978) (p. 83)

	Semi-Escolarizado		Escolarizado	
Posição 0	$\frac{3212}{3289}$ 97,65%		$\frac{1490}{1515}$ 98,34%	
Posição 1	$\frac{1172}{3847}$ 30,46%		$\frac{1265}{1868}$ 67,71%	
Posição 2	$\frac{84}{416}$ 20,19%		$\frac{193}{294}$ 65,64%	
Posição 3	$\frac{1}{39}$ 2,56%		$\frac{43}{68}$ 68,25%	
Posição 4	$\frac{0}{4}$ 0,00%		$\frac{7}{8}$ 87,50%	

---

Guy (1980) (p. 184)

Position in NP	% Plural Marked	N
1	95	5247
2	28	3853
3	22	552
4	13	39
5	0	3

---

Lima (1984)

	RB		RA	
Posição 0	$\frac{1523}{1536}$ 99%		$\frac{989}{993}$ 99%	
Posição 1	$\frac{686}{1687}$ 40%		$\frac{639}{1178}$ 54%	
Posição 2	$\frac{81}{230}$ 35%		$\frac{98}{186}$ 52%	

## b. Categoria Morfológica

Braga (p. 60)		Scherre (p. 79)		
Braga	Cl. Baixa	Cl. Média	S. Esc.	Esc.
metafônicos	$\frac{3}{4}$ 75%	$\frac{4}{7}$ 67%	$\frac{30}{34}$ 88%	$\frac{21}{21}$ 100%
-ão e -l	$\frac{11}{51}$ 21,6%	$\frac{66}{83}$ 79,5%	$\frac{39}{101}$ 38,61%	$\frac{116}{122}$ 95%
-r	$\frac{20}{79}$ 25%	$\frac{51}{83}$ 81%	$\frac{37}{80}$ 46%	$\frac{76}{86}$ 88%
-z	$\frac{5}{145}$ 3,5%	$\frac{27}{158}$ 17%	$\frac{72}{140}$ 51%	$\frac{80}{154}$ 51,94%
'Regular'	$\frac{1871}{3326}$ 56%	$\frac{2192}{3130}$ 69,8%	$\frac{4291}{7240}$ 59%	$\frac{2705}{3365}$ 80%

## Guy (p. 184)

metafônicos	75%	8
-ão e -l	48	141
-r	67	142
-z	49	445
'Regular'	64	9058

## Lima

metafônicos	$\frac{16}{18}$ 88,88%	$\frac{16}{18}$ 88,88%
-ão e -l	$\frac{76}{88}$ 86%	$\frac{51}{55}$ 94,44%
-r e -s	$\frac{277}{328}$ 84%	$\frac{195}{200}$ 97,5%
'Regular'	$\frac{1922}{3020}$ 63,64%	$\frac{1466}{2088}$ 70,21%

### 3.2 - Resultado Avaliativo da Importância dos Grupos de Fatores Lingüísticos e Extralingüísticos sobre a Retenção da Marca de Plural.

A análise específica de cada grupo de fator lingüístico mostrou que todos eles tiveram uma influência sobre o uso da marca de plural, embora não se possa atribuir a cada um deles uma independência total de condicionamento. Observando a atuação de cada fator, pareceu-nos que dois fatores contribuíram, em parte, para a influência dos demais. Foram eles: posição no SN e categoria morfológica. O primeiro representado pela posição zero e o segundo, pelo princípio da saliência fônica.

O poder de controle do grupo de fator posição no SN concentra-se fundamentalmente na posição zero do SN. Essa monopolização da posição zero está diretamente ligada ao fato de que a concordância de número no SN ocorre quase categoricamente numa seqüência linear crescente, ou seja, a seqüência parte do primeiro elemento do SN, o que ocupa a posição zero. Tal fato justifica a alta taxa de pluralização dos artigos, os quais ocupam normalmente a posição zero do SN. Em uma análise dos fatores gramaticais, Poplack (1979), p.87) observa que o substantivo e o adjetivo favorecem o apagamento do -s, enquanto que o artigo favorece sua retenção. Relaciona em seguida (1979, p. 90) o fator gramatical com a posição que o elemento gramatical ocupa no SN:

• "The determiner, which usually occurs in first position, has the lowest deletion rate of all grammatical factors. First position is also consistently the most conservative environment with regard to deletion".

Pensando nessa interrelação, admitimos que no contexto fonológico, seguinte, uma parte da influência dos fatores fonológicos consoante e vogal está ligada à posição do elemento no SN, quando a palavra que inicia por um desses dois fonemas encontra-se na posição um do SN, vindo, ' pois.



ap5s uma posição onde a presença do -s é quase categórica. A independência completa estaria ap5s a posição um.

i

De uma certa forma, a saliência fônica repercute também na atuação do contexto fonológico seguinte, tendo-se em vista que a ausência de saliência fônica favorece a supressão do -s e uma maior saliência fônica favorece a sua retenção.

Existe uma relação do grupo de fator informação de plural precedente com o fator posição no SN na equivalência do Índice de pluralização do elemento da posição zero e do elemento que não possui nenhuma informação prévia de plural. 99% dos elementos que não possuem nenhuma informação de plural antecedente encontram-se na posição zero do SN.

Mas essa interrelação existente na influência reilensiva ou inibitória dos fatores permanece em um nível de relações internas da língua, na estrutura de superfície cada fator assume um comportamento próprio dentro do seu grupo. Há vendo, portanto, em cada grupo de fator os fatores mais favoráveis à retenção do -s.

No contexto fonológico seguinte a consoante e a vogal favoreceram a retenção do -s, enquanto que a pausa inibiu-a. Este resultado contrariou a nossa hipótese de que as palavras diante de uma pequena interrupção do ato da fala teriam generalizadamente xxma pluralização mais freqüente.

No grupo de fator posição no SN, o fator posicional zero foi o que mais coagiu a presença do -s, confirmando os resultados da literatura existente. A tendência das demais posições foi para desfavorecer a presença do -s. A informação de plural precedente exerceu uma influência quase categórica sobre a retenção do -s nos dois grupos, quando não havia nenhuma informação prévia de plural. As demais informações de plural antecedente inibiram a presença do -s no grupo RB, o mesmo efeito inibitório não se pôde observar no grupo RA em razão de ter havido uma maior aplicação da regra de concordância.

Na categoria morfológica, o efeito do maior grau de saliência fônica sobre a retenção do -s foi significativo

para os dois grupos. A ausência de saliência fônica, nua resultado geral> foi inibitória apenas para o grupo RB onde o declínio de pluralização foi maior, no grupo RA o efeito obteve menores proporções.

Podemos dizer que os maiores influenciadores da retenção da marca de plural foram as consoantes e as vogais, a posição zero do SN, a ausência de uma informação prévia e o maior grau de saliência fônica. Os demais tenderam para um efeito inibitório, dependendo da extensão da variação na população observada.

O grupo de fator estilo apresentou um efeito bastante reduzido sobre o uso da marca de plural. Houve a neutralização na distinção entre os estilos formal e mais ou menos formal como condicionantes da retenção do -s. Esperávamos que o estilo formal retivesse mais a marca de plural -s do que o estilo mais ou menos formal, por representar enunciados curtos. No entanto, a diferença no índice de pluralização dos sintagmas nominais emitidos nos dois estilos foi de apenas 1%. Tal resultado leva-nos a admitir que os falantes não fizeram diferença no tipo de fala perante os dois estilos, ou seja, o fato de usarem respostas curtas ou respostas mais longas não repercutiu no uso da pluralização. A intercalação entre uma fala mais ou menos cuidada e uma fala mais ou menos espontânea refletiu mais no comportamento lingüístico individual de cada informante. Justificamos a influência desfavorável do estilo informal sobre a retenção do -s com o fato do falante ter se envolvido emocionalmente ao narrar uma experiência vivida por ele, onde teve oportunidade de deixar a fala fluir mais espontaneamente.

Em relação aos grupos de fatores extralingüísticos sexo e classe social, podemos dizer que a diferenciação sexual e a diferenciação social tiveram uma espécie de atuação distintiva no emprego da concordância de número pelos informantes; as meninas e o grupo RA foram os mais coagidos a usarem a marca de plural. No entanto não houve uma centralização categórica no sentido de que a tendência total tenha sido pa

ra uma maior retenção do -s por parte das meninas e pelo grupo RA. Existiram diferenças de grau de condicionamento em cada grupo de: fator em função da posição contextual de cada informante, quer seja, do sexo feminino ou masculino, ou pertencente ao grupo RB ou ao grupo RA. As discrepâncias ocorridas nesses fatores são explicadas através das diferenças individuais de cada informante.

### 3.3 - Conclusões Gerais

Diante do resultado da análise dos nossos dados, podemos dizer que embora a perda da marca de plural tenha ocorrido reincididamente na produtividade oral dos nossos informantes, o índice de pluralização não foi tão irrisório, tendo-se em vista que a porcentagem da presença da marca de plural atingiu, no geral, um índice de 69%.

Comparando o resultado dos dois grupos e conforme se presumia, o grupo RA apresentou um índice maior de pluralização. Mas a diferença foi de apenas 7%. Provavelmente, o mesmo nível de escolarização e o fato dos nossos informantes, alunos da sétima série, estarem expostos normativamente aos processos de formação de plural, contribuíram para que não houvesse um desnível bastante significativo entre os grupos.

Existe também o aspecto da perda da marca de plural em um nível mais abrangente que se refere à generalização da queda do -s em sílaba final de palavra. É um aspecto fonológico que afeta o nível morfo-sintático, tratando-se da concordância de número.

No nosso corpus, as palavras mais atingidas pela queda do -s foram as que não apresentaram nenhuma saliência fônica na oposição singular-plural. O processo de mudança linguística faz-se presente nesses nomes. Nos demais, a tendência foi manter a pluralização. A forma que antecede o -s parece forçar sua presença, especificamente a ditongação que

ocorre nos nomes terminados em -l e -ão. Para os nomes terminados em -r e, -s, a presença do -e como marca de plural foi Ipastaiite com.um.

Retomando o aspecto da presença e ausência da marca de plural, defrontamo-nos com a heterogeneidade ocorrida nos dois grupos. Tal fato nos leva a seguinte indagação: até que ponto o fator escolarização contribuiu para a presença da marca de plural na produtividade oral desses adolescentes? Evidentemente, para termos uma maior noção da influência da escola, seria fundamental que tivéssemos observado a produtividade oral de alguns informantes dentro da mesma faixa etária, mas que não fossem escolarizados.

Como assim não procedemos, vamos nos restringir aos elementos que temos. Entendemos que seja uma influência até certo ponto relativa em razão de outros fatores encontrarem-se envolvidos, como, por exemplo, contatos sociais, ambiente cultural familiar, uma maior noção de norma padrão, preocupação do falante em atingir um nível social mais alto através dos estudos, etc.

O nível sócio-econômico baixo não nos parece justificar, por si, um menor índice de pluralização. ^ Encontramos neste grupo reflexos da influência de contatos sociais, de leituras, de uma conscientização para um bom desempenho nos estudos com o intuito de uma ascensão social, os quais provavelmente podem influir em uma maior presença de pluralização em alguns informantes. .

Embora a noção de prestígio tenha ficado mais evidenciada no grupo referente aos alunos de nível sócio-econômico !.alto, percebemos que houve informantes deste grupo que apresentaram uma maior despreocupação com o uso da fala, atingindo um índice de pluralização semelhante a alguns alunos do grupo RB.

A heterogeneidade entre os grupos mostra que se faz necessário aos professores de português de 1º e 2º graus, sobretudo os que trabalham com alunos de nível sócio-econômico

baixo, conscientizar o aluno de que determinadas ocasiões exigem uma maior homogeneidade no uso da fala. O aluno precisa tomar consciência de que em situações mais formais o seu dialeto torna-se inadequado, sendo preciso adequá-lo para que não seja marginalizado.

## TEXTO

01. Zito possuía uns amigos muito caridosos. Um dia, eles ganharam na loteira e cumpriram os acordos que fizeram com os bondosos pais de Zito.
02. Eles iriam ajudá-los a construir vima casa em um local que tivesse bonitas paisagens.
03. Assim, eles se juntaram com outros atenciosos amigos de Zito e foram construir a casa que ficava entre dois portos.
04. Todos ajudaram, menos os primos de Zito, que eram muito preguiçosos e seus vizinhos que eram medrosos.
05. Mas, antes, os talentosos amigos de Zito, que estavam com os bolsos cheios de dinheiro, pagaram os impostos da prefeitura e compraram os tijolos.
06. Em seguida, longe de quaisquer transtornos, os corajosos homens começaram a construção.
07. A mãe de Zito pediu que fizessem no quintal dois poços para os porcos beberem água e não esquecessem do local para ela colocar os ossos dos cachorros.
08. Queria também um espaço para criar muitas galinhas pois pensava em vender ovos. E, se possível, fazer uma horta para plantar muitos repolhos.
09. Falou que iria plantar muitas árvores para que dessem folhagens bonitas que embelezariam os olhos dos visitantes.
10. Zito disse que iria plantar um pé de manga. Sua mãe logo recomendou que não queria caroços no chão.
11. Antes da construção terminar, os dispostos homens não se livraram de um pequeno acidente.
12. Dois jeitosos ajudantes estavam cavando os fossos, quando escorregaram e jogaram seus corpos no chão.

13. Para evitar os alvoroços, Zito logo trouxe os socorros.
14. Quando a construção, terminou, eles precisaram pedir reforços à prefeitura para retirar os destrqços, pois havia xaiia porção de despojos de construção.
15. Mas antes eles tiveram de arrancar os ferrolhos dos portões que ficaram tortos.
16. A casa ficou pronta e todos puderam ver as vantagens de  
I esforços reunidos, vim exemplo, de mensagens fraternais.
- 17;. Em comemoração, os pais de Zito acenderam os fomos para assarem carne e muitos bolos. Os vaidosos meninos soltaram fogos e puderam inaugurar o salão de jogos.
18. S5 quem não saboreou a comida foram os mimosos cachorros que comeram apenas miolos de pão.
19. Como Zito e seu irmão eram muito estudiosos, seus gostos foram, realizados. Receberatn um convite para trabalharem nos postos de gasolina dos seus tios.
20. No entanto, o sonho de Zito era fiscalizar os aeroportos .
21. Seus rogos foram atendidos.





16. Conio se diz quando mais de um dever está difícil?
17. Neste clube há apenas xim salão, mas naquele há dois \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
18. Como se diz quando mais de um móvel está frágil?
19. Para abotoar a blusa comprei cinco \_\_\_\_\_
20. A prova não foi s5 de uma questão, foi de cinco \_\_\_\_\_
21. Para a igreja, os meninos que não são batizados são \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
22. Neste quartel, há apenas um capitão, mas naquele outro  
há três \_\_\_\_\_
23. Na policia não há apenas um escrivão, há dois .....  
\_\_\_\_\_
24. O juiz não queria apenas um tabelião, queria quatro \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## NOTAS

1. "O desenvolvimento do espanhol era comiam com o latim e outros ramos do indo-europeu em diversos períodos e áreas geográficas, apresenta *xm* padrão complexo da instabilidade da sílaba final e consoantes em final de palavra",
2. Fazemos referência aos estudos de Braga (1977), Scherre (1978) e Guy (.1981) . Salientamos também a abordagem de Poplack (1979; 77) sobre o apagamento do -s como marca de plural no\*espanhol.
3. Neste trabalho, todos os exemplos citados fazem parte do corpus da pesquisa. A referência entre parênteses traz a primeira letra do nome do informante ou da informante, acompanhado da letra o ou a indicando, respectivamente, menino ou menina. Ap5s a indicação do nome vem a idade e em seguida o indicador do nível s5cio-econômico: RB (renda baixa) e RA (renda alta).
4. Fazemos referência a Votre (1978) que analisou a variação fonológica existente no uso do -m (nasalização) e -r em final de palavra, fundamentado em dados lingüísticos de morabralenses do Rio de Janeiro. A Motta (1979) que estudou a varicibilidade na aplicação da regra de concordância verbal na fala de alunos escolarizados e semi-escolarizados da área de Salvador.
5. Embora tenhamos adotado como critério básico, os alunos serem nativos de Fortaleza, tivemos de incluir por um imprevisto surgido, uma informante natural de São Paulo, mas residente em Fortaleza há mais de 5 anos.
6. Anteriormente a Labov, na década de cinquenta, foram realizados 3 estudos correlacionando a variação lingüística com aspectos sociais. Putnam and O'Hern (1955); Firscher

(1958) e Reichstein (1960). Mas foi Labov (1966) que introduziu novos métodos e novas explicações para o estudo da variação e mudança lingüística.

7. Cedergren, D. Sankoff e G. Sankoff desenvolveram aspectos teóricos e técnicos para o estudo de uma regra variável.
- 8j "A dicotomia clássica do condicionamento invariante vs. variação livre domina as descrições formais da tradição estruturalista. Uma vez que formas que estão em variação livre são efetivamente a mesma no sentido lingüístico, nada mais pode se dizer sobre a ocorrência das mesmas".
9. Definimos fator e grupo de fator com base na conceituação de Guy (1980; 4).
10. Os fatores são: os nomes que sofrem uma metafonia no plural e os nomes que fazem o plural recebendo uma das formas: -ãos, -ões ou -ães.
11. Dentre os diversos estudos sobre apagamento de fonemas em posição final de palavra, citamos: Guy (1974; 1980); Labov (1966); New (1980); Poplack (1979); Votaw (1978); Wolfram (1969).
12. Consideramos pausa quando o informante silenciou ou fez uma pequena interrupção entre um enunciado e outro.
13. O resultado do fator pausa dá-nos condições de fazermos uma referência ao comentário de Guy (1980; 271) sobre o comportamento condicionante da pausa. Em um estudo sobre o apagamento do -t-d na fala de nativos de New York e de Filadélfia, a pausa favoreceu o apagamento do -t-d para os falantes de New York e inibiu-o para os falantes de Filadélfia. Nesse estudo, os valores atingidos pela consoante e pela vogal obedeceram a uma certa proporção.

no;entanto, o valor, da pausa foi bastante variável. De acordo com Guy, esse resultado reforça a opinião de Labov de que "consoante-vogal-liquida-glide" (K-U-G-V) podem fazer parte de uma hierarquia universal de condicionamento, enquanto que a pausa está física, acústica e funcionalmente fora desse esquema, podendo, portanto, exercer uma influência distinta em falantes ou dialetos diferentes.

14. Houve apenas um SN com pluralização completa é. um SN com a marca de pluralização nas posições zero, dois e três.
- [
15. O número 2 da tabela 12 representa os sintagmas nominais de 3 a 5 elementos, podendo a marca de plural está contida nas posições 2, 3 ou 4 (ver pág. 41).
16. "Os números por si mesmos não podem ser afetados pela regra de concordância de número, contudo eles parecem favorecer sua aplicação em palavras que os sucedem. Sugiro que isto possa ser um resultado do auto-controle e auto-correção que sem dúvida ocorreu nessas entrevistas. O contexto plural mais óbvio na fala do informante estaria certamente em um SN contendo um número que especificou alguma quantidade plural. Portanto na situação de entrevista, o falante do dialeto popular que tentava acomodar sua fala ao dialeto padrão do entrevistador, podia plausivelmente procurar pluralizar mais, neste óbvio ambiente de plural".
17. Apesar da aproximação de uma equivalência entre a presença e a ausência de pluralização nos elementos antecedidos por numeral, devemos ressaltar que o grupo BA apresentou uma maior percepção para o uso do numeral que o grupo RB, com, uma diferença de 11%.
18. "...O efeito diferencial sobre o apagamento é na realidade devido à presença de um marcador no espaço sintagmá-

tico imediatamente precedente ao dado; OS, SS e S continuam desfavorecer o apagamento, enquanto que O e SO favorece-o. O contexto mais favorável para o apagamento do marcador é precisamente quando os dois marcadores precedentes já foram apagados".

19. O termo "saliência fônica" foi empregado por Lemle e Naro em um estudo sobre concordância verbal (Competências Básicas do Português, 20). Usaram este termo em relação à diferença fônica entre a forma singular e a forma plural do verbo. Verificaram que um maior grau de saliência fônica entre as duas formas (por exemplo, foi-foram) favorecia a aplicação da regra de concordância verbal.
20. Ver código pág. 54.
21. A desinência de número -s realizou-se através de 3 variáveis: /s/ "as professora"; /z/ "oz aluno" e /x/ "ax menina". O /s/ ocorreu mais antes de consoante, o /z/ antes de vogal e a velar /x/ antes de nasal, embora não tenha sido \ima constante.
22. Essas mesmas interpretações foram observadas na forma escrita através do exercício que os alunos do grupo RB responderam. A palavra cidadão convergiu para as formas -ses e -ães; charlatão: -ões e -ãos; órfão: -ões; capelão: -ões e -ãos; pagão; -ões e -ães; alemão; -ões. e -ãos. Tabelação, a exemplo do questionário oral, não sofreu nenhuma variação.
23. A palavra "cão" ocorreu no exercício sem nenhuma variação: cães. .
- 24.. "Provavelmente, o aspecto mais interessante do estudo do contexto linguístico é a questão das diferenças lexicais entre contextos. Torna-se claro que a probabilidade de uma variante particular ocorrer em uma palavra pode va-

riar de acordo com a palavra seja e não quanto às propriedades ; gerais fonológicas e sintáticas da palavra.

25. P.D; plural-desnasalização

P.N: plural-nasalização

A.P.N: ausência de plural e nasalização

A.P.D: ausência de plural e desnasalização.

26. Embora a palavra "jovem" comece com /z/ <sup>v</sup> trabalhamos com ela porque nos interessava o aspecto da nasalização.

---

ft. GUIAR, Martinz. "Fonética do português do Ceará". Revista do Instituto Histórico do Ceará, n? 51.

?\LI, M. Said. (19-71) . Gramática histórica da Tíngua portuguesa. 5a. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica.

ANSHEN, Franck. (1978). Statistics for linguists. Massachusetts: Nev;burg House Publishers.

BATISTA, Maria Elizabeth Mota Zanett. (1980). Gramática. São Paulo. Cortez: Autores Associados.

BELL, Roger T. (1976) : Sociolinguistic; goals, approaches and problems. London; Batsford.

BRAGA, Maria Luisa. (1977). A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, PUC/RJ.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1979): a). Estrutura da língua portuguesa, 2a. ed. Rio de Janeiro, Vozes.

(1979) : b) . História e estrutura da língua: portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Padrão.

(1971). Problemas de lingüística descritiva. 4, ed. Rio de Janeiro, Vozes.

DITMAR, Nobert. (19 76). A critical survey of sociolinguistic; theory and application. London, Edward Arnold.

FISCHER, J.L. (1958) : Social influences :on the choice of a linguistic variant. Word 14 , 47-56. Reprinted in Hymes 1964a, 483-8

- FREITAS, Judith Mendes de Aguiar. (1979). Ortografia gramatical: concordância em número em relação de alunos da 5a. série do 19 grau. Dissertação de Mestrado. UFBa.
- GLEASON, H.A. Jr. C19611. Introdução à linguística descritiva. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GUY, Gregory R. (1977). A new look at -t -d deletion. In: Studies in language variation. Edited by Fasold and Shuy. Georgetown University.
- \_\_\_\_\_ (1980). Variation in the group and the individual; the case of final stop deletion. In: Locating language in time and space. Edited by William Labov. Academic Press. New York.
- \_\_\_\_\_ (1981). Sociolinguistic variation in Rio Portuguese: sound change as a cause of syntactic change. Unpublished University of Pennsylvania Ph.D. Dissertation.
- HAGUETTE, Teresa. (1982). O mito das estratégias de sobrevivência; um estudo sobre o trabalhador urbano e sua família. Fortaleza, Edições U.F.C.
- HEYE, Jurgen. (1970). Sociolinguística. In: Manual de Linguística. Petrópolis, Vozes.
- HUDSON, R. A. (1982). Sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- KROCH, Anthony S. (1978). Toward a theory of social dialect variation. In: Language in Society. vol. 7, number 1. Cambridge University Press.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (1980). Linguística e gramática. In: LEITE, Cília C. Pereira e SILVEIRA, Regina Célia, P. (orgs.) A gramática portuguesa na pesquisa e no ensino. São Paulo: Cortez.
- LABOV, William (.1966). The Social Stratification of English in New York City. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.



- \_\_\_\_\_ (1972). Methodology. In: W. Dingwall, ed. A survey of linguistic change. College Park, Maryland: University of Maryland Press.
- \_\_\_\_\_ (1972). Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- \_\_\_\_\_ (1974). Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M.S. & NEVES, Moema (eds). Sociolinguística. Rio, Eldorado.
- LEMLE, M. e NARO, A. (1977). Competências básicas do português. Rio de Janeiro: MOBREAL.
- LEMLE, Miriam. (1978). Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: LOBATO, L. (org.) Linguística e ensino do vernáculo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 53/54: 60-94.
- LIRA, Solange. (1982). Nominal pronominal and zero subjects in Brazilian Portuguese. Ph.D. Dissertation. University Pennsylvania.
- MARCELLESI, J. B. e GARDIN, B. (1975). Introdução à sociolinguística: a linguística social. Lisboa, Aster.
- MILROY, L. and MILROY, J. (1976). Speech and context in an urban setting. Belfast working papers in language and linguistics. vol. 2, nº 1.
- MOTA, Erimita Cunha de Miranda. (1979). Escolarização e variação lingüística. Dissertação de Mestrado. Campinas.
- NARO, Anthony J. & LEMLE, M. (1977). Syntatic Diffusion. Ciência e Cultura, 29(3):259-268.
- NEW, Helen. (1980). Ranking of constraints on /t,d/ deletion in american english: A statistical analysis. In: Locating language in time and space. Edited by William Labov. Academic Press.

POPLACK, Schana. (1979). Function and process in a ' variable phonology. Unpublished University of Pennsylvania Ph.D. Dissertation.

(1980) : The notion of the plural in Puerto Rican spanish: competing constraints on (s) deletion. In: Locating language in time and Space. Edited by William Labov. Academic Press.

PASTORE, José. (1979). Desigualdade e mobilidade social no Brasil, são Paulo, EDUSP.

PEYTARD, Jean e GENOUVRIER, Emile. (1973) . Linguística e ensino do português. Coimbra, Livraria Almedina.

PUTNAM, G. N. and O'Hern, E. M. (1955): The status significance of an isolated urban dialect. Language Supplement, Language. Dissertation 53.

REICHSTEIN, R. (.1960) . "fitude des variations soci ales e geographiques des faits linguistics (Observations faites à Paris en 1956-1957" word 16. 55-95.

RICARDO, Stella Matis Bortuni . de Figueiredo. (.1981) . A Concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: Couto, Hildo Honório do (ed.) Brasília, Thesaurus.

ROMAINE, Suzanne. (1981). The status of variable rules in sociolinguistic theory. In: Journal of linguistic. Vol. 17, March. University Press.

RODRIGUES, Ada Natal. (1974). O dialeto caipira na região de Piracicaba. Ática. São Paulo.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. (1978). A regra de concordância de número no sintagma nominal em português. Dissertation de Mestrado. Departamento de Letras, PUC/RJ.

SANKOFF, David. (editor) . (1978) . Linguistic variation; models and methods. Academic Press. New York.

SHIFFRIN, D. (1981). Tense variation in narrative. Language 57, 45-62.

SILVA NETO, Serafim da. (1979) . História da língua: portuguesa. 3a. ed. Rio de Janeiro. Coleção Linguagem. Presença/MEC.

SUNKOFF, Gilliam. (1979). A quantitative paradigm for the study of communicative competence. In: Explorations in the ethnography of speaking. Edited by Joel Sherzer and ;Bauman Richard. Cambridge University Press.

•TRUDGILL, Peter. (1977) . Sociolinguistics: An introduction. Penguin Books.

i

VOTRE, Sebastião Josué. (1978). Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. Tese de doutoramento. PUC, Rio de Janeiro.

WOLFRAM, W. (1970). A sociolinguistic description of Detroit negro speech. Washington, Center of Applied Linguistics.

WOLFRAM, W. e FASOLD, R. N. (1974). The study, of dialects in American English. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall.